

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY
DIRECCIÓN DE POSTGRADOS



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

BERENICE VIDAL LOPES MOURA

**EDUCAÇÃO E RESILIÊNCIA NA OBRA DE JUSTINO, O RETIRANTE, DE
ODETTE DE BARROS MOTT**

**Assunção- Paraguai
2015**

BERENICE VIDAL LOPES MOURA

**EDUCAÇÃO E RESILIÊNCIA NA OBRA DE JUSTINO, O RETIRANTE, DE
ODETTE DE BARROS MOTT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidad Evangélica del Paraguay - UEP , como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Ibañez Morino

**Assunção – Paraguai
2015**

MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN
A COMISSÃO ABAIXO ASSINADA APROVA A DISSERTAÇÃO:

**EDUCAÇÃO E RESILIÊNCIA NA OBRA DE JUSTINO, O RETIRANTE, DE
ODETTE DE BARROS MOTT**

BERENICE VIDAL LOPES MOURA

COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Prof. Dr. Esteban Missena

ORIENTADOR

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ms. Genaro Ruiz Dias Benitez

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY

Prof. Dr. Pedro Carreras Carmona (Integrante)

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY

**Assunção – Paraguai
2015**

Dedico esse trabalho “in memoriam” de Aquilina ou simplesmente quilina como era conhecida e amada. Mulher forte-frágil mistura de heroína e mãe que soube conduzir com presteza as rédeas da família, tendo muitas vezes de renunciar as próprias vontades em benefícios dos filhos e de outras pessoas que surgissem e necessitassem. Pessoa caridosa, que por muitas vezes foi à mentora de transformações de vida. Para ela com muita saudade e gratidão eterna registro essas pequenas e valiosas lembranças.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão eterna a DEUS pelo dom da vida, pela fé e perseverança em vencer os obstáculos no caminho das vitórias. Na vida, nada é fácil. Compreendemos que nossa meta não é apenas chegar ao ponto, mas valorizar cada etapa que forma a caminhada. Uma caminhada feita de sonhos, emoções, conflitos, alegrias, amor, realizações e, principalmente, de pessoas que contribuem com nossa história. Por isso, agradeço também:

A meu esposo e filhos, pelas horas de compreensão e amor. Em especial a “Dan” que muito contribuiu na finalização desta árdua e prazerosa etapa.

Ao meu sobrinho “Tive” pelas dores de cabeça em meio a tantas ocupações ainda encontrou espaço para ajudar dando sua parcela de contribuição.

As minhas irmãs, irmão, sobrinhos e tios que de alguma forma participaram, direta ou indiretamente dessa construção.

“Se nada mudasse em nós e em torno de nós, o destino estaria traçado e nada mais poderíamos fazer senão repetir a vida inteira o que aprendemos num momento em que era preciso calar-se para sobreviver.” (*Boris Cyrulnik, 2006*)

RESUMO

A educação modifica, transforma e dá luz a quem vive na escuridão; escuridão da ignorância, da falta de conhecimento, de oportunidade de vida. É um elemento transformador que, por gerações, tem conseguido dar um norte diferente para pessoas que não possuíam mais esperanças de uma vida melhor. Atrelado a ela está a resiliência que é um fator preponderante como modificador de situações adversas. O que seria das pessoas que foram feridas e machucadas pela vida, pela família se diante de si só conseguissem perceber sofrimentos e dores pelas perdas e circunstâncias contrárias à natureza humana vivida? Como poderiam sobreviver se, as mesmas, não tirassem do mais profundo de seu ser a capacidade de transformar, perdoar e lutar por uma vida diferente através da recusa interior da continuidade do sofrimento e da ajuda de pessoas que são capazes de renúncias próprias para se doarem em ajudar outras pessoas a saírem de um estágio de dor constante que pode gerar consequências traumáticas que perduram por toda uma existência. Como suporte teórico na construção dessa dissertação farei um breve passeio pelos livros “Os Patinhos Feios” e “Falar de Amor à Beira do Abismo” de Bóris Cyrulnik. Cabeça Bem Feita, Educar na Era Planetária e Os Sete Saberes de Edgar Morin com a intenção de entender a resiliência como fator importante na transformação social, bem como, a importância da Literatura na Educação formal e informal como escola para a vida que abre portas de oportunidades para o sujeito que enxerga o ato de ler como motivador central da educação na aquisição do conhecimento que será armazenado para uso próprio e transmissão quando necessário for.

Palavras Chaves: Mott. Justino. *Educação*. Resiliência.

ABSTRACT

Education changes, transforms and gives light to those who live in darkness; the darkness of ignorance, lack of knowledge, life opportunity. It is a transformative element that, for generations, has managed to give a different north for people who had no more hope of a better life. Linked to it, it is the resilience that is a major factor as modifier adverse situations. What would the people who were wounded and injured for life, for family before him were able to perceive only suffering and pain for the loss and circumstances lived contrary to human nature? How could they survive it, they do not bring forth out of the depths of his being the ability to transform, to forgive and fight for a different life through inner refusal of continued suffering and help people who are able to own waivers to donate to help other people out of a constant pain stage that can cause traumatic consequences that last for a lifetime. For all these questions was relevant to choose the work "Justin retirante" seeking the same education elements and resilience that guides Justin walk and similar points with the mother's life the author of this dissertation that passed through adverse situations to able to educate five children, often having to give up one's own desires to witness through education and resilience a change of life for all and a new future perspective. As theoretical support in the construction of this dissertation will make a brief tour of the books "The Ugly Ducklings" and "Talking Love the Big Sleep" of Boris Cyrulnik. Head Well Done, Educating the Age Planetary and The Seven Knowledge Edgar Morin with the intent to understand resilience as an important factor in social transformation, as well as the importance of literature in formal and informal education as a school for life that opens doors opportunities for the guy who sees the act of reading as a central motivator of education in the acquisition of knowledge that will be stored for their own use and transmission when necessary.

Key Words: Mott. Justino. Education. Resilience.

RESUMEN

Cambios en la educación, transforma y da luz a los que viven en la oscuridad; la oscuridad de la ignorancia, la falta de conocimiento, la oportunidad de la vida. Es un elemento transformador que, durante generaciones, ha conseguido dar un norte diferente para personas que no tenían más esperanza de una vida mejor. Vinculado a ello, es la resistencia que es un factor importante situaciones adversas como modificadoras. ¿Qué sería de las personas que resultaron heridas y lesionadas por la vida, por la familia de su presencia se puede percibir sólo el sufrimiento y el dolor de la pérdida y las circunstancias vivió contrario a la naturaleza humana? ¿Cómo pudieron sobrevivir a ella, que no sacasen de las profundidades de su ser la capacidad de transformar, de perdonar y luchar por una vida diferente a través de la continua negativa interior sufrimiento y ayudar a las personas que son capaces de poseer a las renuncias donar para ayudar a otras personas, de una etapa de constante dolor que puede causar consecuencias traumáticas que duran para toda la vida. Por todas estas preguntas era relevante para elegir la obra "retirante Justin" en busca de los mismos elementos de educación y la capacidad de recuperación que guía Justin paseo y puntos similares con la vida de la madre del autor de esta tesis doctoral que pasa a través de situaciones adversas a capaz de educar a los cinco niños, a menudo tener que renunciar a los propios deseos de uno para presenciar través de la educación y la resiliencia de un cambio de vida para todos y una nueva perspectiva de futuro. Como soporte teórico en la construcción de esta tesis doctoral hará un breve recorrido por los libros "Los patitos feos" y "Amor Hablar del sueño eterno" de Boris Cyrulnik. Cabeza bien hecho, educación de la Edad Planetaria y los siete Conocimiento Edgar Morin con la intención de entender la resiliencia como un factor importante en la transformación social, así como la importancia de la literatura en la educación formal y no formal como una escuela para la vida que abre puertas oportunidades para el tipo que ve el acto de la lectura como un motivador central de la educación en la adquisición de conocimientos que serán almacenados para su propio uso y la transmisión cuando sea necesario.

Palabras clave: Mott. Justino. Educación. La resiliencia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Odette, em 1953, aos 40 anos.....	15
Figura 02 – Aquelina, mãe da autora da dissertação, no casamento da irmã mais velha.....	24
Figura 03 – Capa do livro “Justino, o retirante”	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. ODETTE DE BARROS MOTT, CONTADORA E ESCRITORA DE ENCANTOS E VERDADES LITERÁRIAS.....	15
3. QUANDO A VIDA IMITA A ARTE.....	24
4. QUANDO A ARTE IMITA A VIDA.....	33
5. MARCAS DE EDUCAÇÃO E RESILIÊNCIA NA OBRA JUSTINO, O RETIRANTE DE ODETTE DE BARROS MOTT.....	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	78

1. INTRODUÇÃO

A sociedade exige cada vez mais de regras, condutas e renúncias que norteiam o nosso bom viver. Por não viver sozinho o homem necessita cada vez mais seguir padrões que facilitará seu convívio no meio social bem como a sua inserção na comunidade em que vive, por isso, faz-se necessário a busca de princípios e valores que com o passar do tempo tendem a se perderem se não forem trabalhados na família, na escola, na igreja, nas comunidades que vivenciamos a cada dia e que determinam as regras educativas a serem seguidas e possibilitam ao ser humano frear os seus instintos seguindo um padrão de educação no qual faz parte de acordo com a sua vivência e princípios adquiridos ao observar, ouvir, estudar e assimilar os conhecimentos educativos que recebeu durante a sua vida.

É pela educação que o homem se transforma e pode transformar tudo ao seu redor, aprender a ser prudente e muitas vezes renunciar os seus interesses em prol do outro, pela felicidade do outro, pais, mães, amigos, conhecidos, desconhecidos que são capazes de gestos e atitudes louváveis, muitas vezes deixando de seguir aquilo que os deixariam mais plenos e absolutos, para ajudar outros a mudarem o rumo da sua vida, da sua história, pessoas que são capazes de se sentirem felizes só em poder ajudar outros a se erguerem, a realizarem seus sonhos ou até coisas pequenas e rápidas que na visão de quem as faz não possui nenhum significado, mas, para quem as recebe, são tidas como grandiosas e que mudam o curso de toda uma história.

Como no livro que serve como norte para esta dissertação que apresenta o garoto Justino que vive na miséria, seca e fome do sertão e perde tragicamente pai e mãe: o primeiro após ser mordido por uma cobra e a mãe de sofrimento, doença e tristeza ao se vê sozinha no mundo e sem meios de criar dignamente o seu único filho. Mesmo assim Justino foi capaz de migrar para outros lugares à procura de mudanças e durante a sua trajetória de busca deparar com pessoas educadas, resilientes como Dona Severina, Chico Cego e o professor, pessoas estas que foram capazes de renúncias seja através de sentimentos, mudanças e objetos pessoais em prol da felicidade e aprendizagem de Justino.

História que se entrelaça, na vida real, com a trajetória da mãe da autora deste trabalho que através da educação, das regras de conduta e resiliência foi corajosa o suficiente para renunciar as suas vontades para propiciar um futuro promissor para seus cinco filhos porque, para ela, felicidade era sinônimo da

realização pessoal dos filhos, o bem da sua prole. Pensando assim, a mãe da autora, foi capaz de coisas grandes e pequenas que conduziram sua família a mudanças e transformações que fizeram a diferença na vida de cada um dos seus filhos. Os seus ensinamentos fundamentados no amor, no respeito, na renúncia, na busca, na religiosidade conseguiram determinar os valores que norteiam a vida de cada um deles.

Em busca de entender um pouco mais sobre essas questões, sem a pretensão de esgotar o assunto, é que farei um breve passeio literário nas obras de Edgar Morin (2003, 2012) e Boris Cyrulnik (2004, 2006) visando uma observação teórica sobre educação e resiliência, assuntos estes que parecem simples de compreensão no primeiro olhar, mas que se tornam complexos devido a sua importância para a vida do homem que precisa viver em sociedade. Livros esses que citam a educação e a resiliência com um novo olhar.

Morin fala da educação voltada para uma aprendizagem global que envolve: “Os Sete Saberes” bem como “A Educação na Era Planetária” que mostra um ser necessitado de um conhecimento pleno que abarque todos os setores da sociedade, valorizando a aprendizagem de uma forma integral através de Uma “Cabeça Bem-Feita”, bem estruturada que comporte os saberes necessários para conviver em uma era planetária, na qual, as informações são processadas e atualizadas em um tempo recorde, de uma forma global.

A educação deixou de ser voltada para um assunto específico e tende a buscar a coletividade das idéias visando uma aprendizagem completa, real, motivadora, inovadora que possa sanar as deficiências de um ensino por disciplinas no qual o aluno aprende especificamente sobre o curso que deseja ser um profissional eficiente no futuro deixando de lado as outras aprendizagens que o prepararia para ser um ser global com direito a aprender e entender o que move esse mundo globalizado.

Enquanto Morin defende a aprendizagem de uma forma global, Cyrulnik mostra que esse mesmo ser necessita também aprender a superar seus medos provenientes de traumas sofridos durante a sua vida que em algum momento o impede de seguir em frente, de conquistar coisas grandes e até pequenas por não conseguir sair de um estado de sofrimento que o prende interiormente não o deixando prosseguir em busca de seus ideais para isso Cyrulnik defende a resiliência como uma forma de superação dos problemas existenciais mostrando através de

pequenas histórias que retratam grandes superações conseguidas por meio da resiliência e do amor.

Pessoas essas, resilientes, que buscam estratégias de mudança e transformação social a fim de minimizar os sofrimentos passados, sendo capazes de reconhecer através do tempo as pessoas que contribuíram, também, com essas mudanças, tendo que, muitas vezes, deixarem de cuidar de si mesmo, para enxergar o outro, a dor do outro, a necessidade do outro e através do amor que sentiam serem capazes de renunciar de algumas coisas em suas vidas em prol daqueles que amavam que foi o caso da Mãe da autora desse trabalho Dona Aquelina ou Quilina como era chamada por todos, ou renúncias para beneficiar pessoas que aprenderam a amar que é o caso de Dona Severina, personagem importante e decisiva para a transformação social da vida do personagem Justino do livro “Justino, o retirante” de Odette de Barros Mott (2012) que norteia esse trabalho em relação a literatura escolhida para a produção da Dissertação.

Ao citar a resiliência é necessário frisar também, a vida de Justino o protagonista do livro supracitado que perdeu o pai, a mãe, o lar e ficou sozinho viajando pelas estradas do Sertão, sem perspectivas de vida e futuro e nem assim desistiu do seu sonho de ser alguém que, apesar das adversidades, pudesse transformar sua história de vida através da superação das dificuldades e da busca constante do saber através da educação não olhando para as dificuldades e sim para as metas a serem alcançadas.

No corpo desse trabalho falaremos também, no capítulo 2, da autora Odette de Barros Mott, pessoa resiliente que também demonstrou de acordo com sua bibliografia estudada grande preocupação em relação à família e por ter uma vida literária de busca em relação às questões sociais tendo como caminho a literatura que é possível alcançar a todos os públicos e através dela demonstrar situações reais porque passam as pessoas, seus questionamentos, descobertas, fantasias de uma forma lúdica e prazerosa que instiga o leitor a concluir a leitura deste trabalho por curiosidade de saber quais as razões que levaram a autora do mesmo a escolher uma obra de Mott na construção de sua Dissertação.

O capítulo 3 retratou a vida da Mãe da autora desse trabalho por ser uma das razões da escolha do livro “Justino o Retirante” para análise literária, nesse capítulo haverá uma retrospectiva envolvendo a família e a força dessa pequena grande mulher, Dona Aquelina ou Quilina ou até mesmo Qiu como era chamada

pelos mais íntimos. Dona Quilina não media esforços para realizar os sonhos de seus filhos quando percebia que esses sonhos determinariam o futuro que tanto almejava para eles.

O capítulo 4 foi escrito em relação à obra “Justino o Retirante” com o propósito de mostrar de forma poética a vida e história desse protagonista que representou milhares de crianças, retirantes que enfrentaram e em muitas situações ainda enfrentam as estradas do sertão em busca de uma vida melhor sozinha ou em família. Muitos desistem pelos caminhos e ficam em fazendas sofrendo com os mesmos problemas, outros se abrigam em vilas, embaixo de pontes ou em outro lugar qualquer aonde possa descansar o corpo cansado, sofrido, ossudo de tanto passar fome e privações transformando-se em pedintes, alguns sonham com a cidade grande, a fortuna, a chance de trabalhar. No entanto, para muitos, esse sonho é em vão e a cidade grande torna-se um grande pesadelo e uma pequena parcela conseguiu sobreviver a esse destino que parece torcer sempre ao contrário e buscam através da educação modificar o quadro em que vive lutando e mantendo a esperança de que dias melhores virão.

O capítulo 5 buscou no livro “Justino, o retirante” elementos de educação e resiliência para comprovar que os suportes teóricos escolhidos para nortear esse trabalho estão de concordância com o que foi proposto para fazer parte do corpo dessa dissertação.

2. ODETTE DE BARROS MOTT, CONTADORA E ESCRITORA DE ENCANTOS E VERDADES LITERÁRIAS.



Figura 01 – Odette, em 1953, aos 40 anos

Segundo Elias (2014) Odette de Barros Mott nasceu em Igarapava, no interior de São Paulo em 24 de maio de 1913 tendo como pai o senhor Carlos e como mãe dona Antonieta, aprendeu a ler por volta dos seis anos. Quando criança, sempre deu preferência à leitura, desistia de qualquer forma de diversão para estar com um livro em mãos. Deixava a mãe sempre brava quando não aceitava brincar com as primas que estavam de visita, por não conseguir se desvencilhar da leitura, pois esta tinha prioridade em sua vida.

Passava horas inesquecíveis na sua cadeirinha de balanço viajando nas leituras da editora Cuore: Saudades, Através do Brasil, Pinocchio, não em adaptações condensadas, mas em livros volumosos. E nessa trajetória, Monteiro Lobato foi um marco em sua vida pois conseguia se envolver nos encantamentos de Reinações de Narizinho. Como deve ter sido perfeito, sentir o vento, a bater-lhe no rosto vindo das janelas sempre abertas das casas do interior, a receber a luz do sol, e às vezes observar as nuvens a brincar de formas diversas no céu aumentando a beleza e os sonhos na arte de ler e de se deixar levar a mundos infinitos no vai e vem da cadeirinha de balanço.

Para Elias (2014) o precursor desse enlace com a leitura foi o pai de Odette, autodidata, que falava seis línguas, inclusive árabe, e era escrivão. Pessoa que amava os livros e passou esse gosto pela leitura para a menina Odette, além disso, podia compra-los e fazia isso com muito gosto. Ela lembra com carinho a primeira

vez que entrou em uma biblioteca em companhia do seu querido pai, na época tinha dez anos. Que sensação maravilhosa deve ter sentido ao vislumbrar aquela imensidão de livros e imaginar o mundo que poderia descobrir ao ler cada um deles. Quantos segredos escondidos, quantos mistérios a desvendar, quantas estradas a trilhar, mergulhando cada vez mais nas palavras que transformam, modificam e encantam nosso ser.

Nessa primeira visita à biblioteca, o livro escolhido pela bibliotecária foi, *A dama das camélias*, livro que no momento da leitura não deixou claro muitas das suas passagens por ser distante da sua compreensão, vindo a entendê-los muitos anos após de acordo com sua maturidade. Seu gosto apurado pela leitura, fez com que começasse desde a infância a inventar e contar histórias para a família. Nesses momentos Odette se transportava para um mundo fantástico no qual poderia dar asas à imaginação e visualizar situações extraordinárias que transformava em histórias que encantava a todos os ouvintes fazendo com que a cada dia a sua veia criativa estivesse mais e mais aguçada e preparada para essa viagem criativa.

Ao falar da adolescência, de acordo com Elias (2014), Mott retrata um tempo muito bom, muito bem vivido, fala das experiências adquiridas aos 16 anos, quando fazia parte da Ação Católica, nesse período ela iniciou os trabalhos com operárias fazendo parte deste grupo de trabalhadores por um período de seis meses, em uma fábrica de caixinhas de papelão. Como primeira atitude para beneficiar a todos, fundou uma biblioteca, conseguindo reunir mil e quinhentas mulheres operárias, construindo para elas um espaço de leitura, no qual poderiam, também, participar de aulas de corte/costura, culinária e outros. Dessa experiência com as operárias, ficou a convicção de que não somos ilha e sim corrente humana porque somos agraciados por um lado e damos do outro, porque a vida é uma troca constante.

Mediante Elias (2014), a autora de *Justino, o retirante* (2012) Formou-se professora, no curso Normal do Instituto de Educação Caetano de Campos, em São Paulo e lecionou no curso primário no Colégio de Santana durante quatro anos. Como deve ter aproveitado todo esse período trabalhando para despertar no aluno o gosto pela leitura e descoberta de livros, pode-se imaginar como alguém que futuramente seria consagrada como uma grande escritora de livros agiu perante uma classe ávida por conhecer e penetrar em um mundo de fantasias, no qual diversos personagens criam vida e podem participar de aventuras carregadas de luz, cor, forma e mistérios.

Foi na São Paulo dos anos 30, que a família Mott (futura família de Odette) trocou a Itália pelo Brasil, quando ainda se fazia serenatas embaixo da sacada de donzelas enamoradas para conquistá-las. Nessa época os jovens reuniam-se com violões, flautas e violinos enchendo a noite de magia e encantamento, tocavam nesse tempo a exemplificar músicas de Zequinha de Abreu que apesar do sucesso no momento precisava estar de casa em casa a divulgar e vender suas partituras, pois não contava na ocasião com meios mais rápidos de divulgar seu trabalho, de vender o seu produto de criação.

Era a época dos bondes na qual as pessoas visualizavam umas às outras com mais romantismo e cortesia, tempo dos grandes casarões de muitas riquezas advindas do café da ascensão dos barões do café na avenida paulista, que apesar do esbanjamento do dinheiro iniciavam um período de decadência, da perda do poder, da exploração da classe menos favorecida que trabalhavam nas plantações de café por remunerações ínfimas que só faziam com que os produtores ficassem cada dia, mais ricos e os trabalhadores mais pobres e sem perspectiva de vida futura.

A cidade de São Paulo do rio Tietê que começava a ser modificado pela ação do homem em busca do progresso e que foi deixando de ser frequentado pela população. Rio com águas limpas onde os moleques viviam a mergulhar, nadar, tomar banho e se deliciar com as águas fresquinhas e limpas, com peixes em abundância, ao contrário de hoje que só existe um lamaçal a representar aquele que um dia manteve uma cidade inteira com suas águas, peixes e alegrias. Nessa época, a Rua 25 de março já fazia parte de um grande cenário comercial. Uma cidade cheia de oportunidades que atraía pessoas de todos os estados brasileiros e de muitos outros países e que provocaria futuramente um grande êxodo rural no país transformando São Paulo em uma das maiores cidades do mundo.

Seguindo o pensamento de Elias (2014), foi nesse cenário que a família Mott chegou ao Brasil em busca de trabalho e oportunidade de ganhar dinheiro, além de proteger um dos membros da família que estava necessitando sair do país. Em 1935, Léo Mott juntamente com dois irmãos mais velhos abriu a Papelaria Mott que ficaria o seu comando durante muitos anos. Os Mott foram pioneiros no ramo da importação e souberam como ninguém conduzir essa oportunidade e tiveram muito sucesso. Em 1937 já então com 24 anos, Odette casou-se com Leone Mott com quem teve dez filhos, vindo a criar oito deles, tendo vinte e oito netos, e doze

bisnetos dessa união. Ao casar-se desistiu da profissão de professora para se dedicar exclusivamente à condição de esposa e mãe, mas a veia latente para as letras, para a literatura, para a fantasia e criatividade já faziam parte da sua existência e ela não sabia viver sem penetrar nesse mundo fabuloso, por isso, externava toda a sua criatividade ao contar noites a fio histórias para os filhos.

Naquele tempo não existia televisão e o rádio estava começando a sua programação, era um período em que as famílias conversavam mais, porque não existiam atrativos no centro dos lares que prendessem mais a atenção de todos do que a própria voz e o diálogo, e Odette, com isso, aproveitava para prender a atenção dos menores com histórias das Mil e uma noites. As crianças ficavam presas na inteligência e sapiência de Scherazade. Mesmo contando histórias para os filhos, o seu lado escritor estava preso e necessitava de liberdade, de criar asas e voar, por isso prometeu às crianças que inventaria histórias se elas ficassem comportadas e contou Aventuras no país das nuvens.

Odette havia se encontrado e não conseguia mais sair “desse faz de conta narrativo” que representa, na atualidade, mais de setenta livros escritos e milhões de exemplares vendidos. Na década de 60, os Mott decidiram fechar as suas portas comerciais depois de trinta anos de muito sucesso. Léo Mott resolveu então virar fazendeiro deixando de ser empresário, decidiu pela criação de porcos e gado em uma fazenda em Araçariguama, cidade a 50 quilômetros de São Paulo, e por ter 150 alqueires de terra na região acreditava ter contribuído para a formação dessa cidade, cita que fez três loteamentos e participou dessa vida por cinco anos.

Contando histórias para seus oito filhos a vocação da escritora se intensificou e se firmou com o passar do tempo fazendo com que criasse obras literárias direcionadas para crianças e jovens brasileiros em um período de quase 50 anos, envolvendo as décadas de 1950 a 90. A autora publicou seu primeiro livro infantil em 1949, passando a produzir frequentemente livros para crianças e jovens tendo como divulgadores do seu trabalho os leitores que aumentavam frequentemente a credibilidade da autora, pois a tiragem dos livros aumentava a cada edição. A ser convidada por uma sobrinha (professora) para palestrar em sua classe se viu cercada de perguntas pela turma, quando da ausência do diretor - homem severo e bravo- do local da palestra. Eles queriam saber se ela escrevia dopada, se tomava bolinha, o seu pensamento em relação aos hippies e ao amor sem reservas.

Questionamentos considerados tabus, ou seja, que não poderiam ser respondidos naquele momento vivido pela sociedade. Indagações que ficaram no ar porque não poderiam ter respostas frente ao diretor que já estava de volta à sala. Naquele dia Odette voltou para casa angustiada e com muitas interrogações a respeito das inquietações vividas pelos jovens, grupo no qual estava inclusa sua filha mais velha. Nesse momento passa a refletir até que ponto estava, com sua literatura, contribuindo para a formação dos jovens e qual seria a valia das informações contidas nos livros que escrevia. Estaria dando informações corretas a esses jovens ou camuflando a verdade? Decide parar de escrever e quando volta a usar novamente suas habilidades de escritora cria Justino, o retirante, um marco, um clássico da literatura juvenil que estudaremos no decorrer dessa narrativa.

Nos escritos de Elias (2014), fica claro que nas visitas que a escritora fazia às escolas, continuavam os questionamentos sobre o que ela pensava do amor, das drogas, do relacionamento familiar e, o mais importante, se sua escrita era verdadeira, com isso, a autora decide criar exclusivamente obras que dessem margem para discussões, que auxiliassem a aproximação entre jovens e adultos contribuindo para a quebra de barreiras que impedem a compreensão entre esses dois públicos que em muitas situações possuem opiniões divergentes. Em pleno ano de 1964, Odette mediante as preocupações efetivas em relação à filha mais velha que, não demonstrava mais interesse nas obras que estavam sendo expostas, porque não condiziam mais com a sua faixa etária. Apesar de existirem uma média de quatro ou cinco autores que direcionavam suas obras para o público leitor jovem, esses mesmos não visitavam as escolas com o intuito de descobrir as inquietações, as curiosidades, as necessidades e desejos dessa clientela que estava na idade dos porquês e possuíam muitas perguntas e questionamentos sem respostas.

A partir daí, segundo Elias (2041), a autora resolve então, atender esse público que carecia de respostas e estas não poderiam ser tão explícitas. Nesse interim lança o seu primeiro livro juvenil intitulado “Aventuras do escoteiro Bila” que foi muito bem aceito pelo público jovem devido à falta de livros nacionais e pelo teor da obra que agradou os leitores. Nele Odette demonstra um vasto conhecimento sobre o Escotismo e a preocupação com a linguagem seguindo a norma padrão da língua, mesmo quando a fala era de Bila ou dos demais garotos. Começa a enveredar pelo mundo de aventuras envolvendo histórias policiais ou de pura ficção, lançando em 1964 “A montanha parida” na qual narra às aventuras de um estudante

de medicina de apenas 17 anos que procura juntamente com um grupo de cientistas um local na selva brasileira onde possam instalar um Observatório Astronômico. A obra é narrada em forma de diário, e nele é registrado e datado tudo seguindo os fatos ocorridos.

Lança em 1971, “Marco e os índios do Araguaia”, neste demonstra conhecer as adversidades porque passam os índios, professando a fé e defendendo o que necessita ser transformado na dura realidade brasileira. Ao escrever “A grande ilusão” obra intitulada até a quinta edição como “A Transa - Amazônica”, a autora mostra que se preocupa com a realidade brasileira e a transforma em literatura com um toque autobiográfico quando fala da viagem que fez ao cenário que dá vida à história contada. Ao ser reformulada a obra demonstra um desfecho com menor otimismo que a primeira. A linguagem literária tradicional e a visão de mundo idealizados estão presentes na obra “No roteiro da coragem” 1975, novela histórica que retrata momentos marcantes de determinada época. O caminho do Sul em 1975 trata da colonização italiana no Brasil, retrata pontos com muito respeito humano, idealismo e a autodoação.

Na criação da obra “Esta terra é nossa” em 1982, fala da miséria sem fronteiras, em uma obra melancólica, na qual afirma apresentar uma saída humanitária e propicia para a problemática social que, até os dias de hoje, afeta os menos favorecidos espalhados por todo território Nacional. Em “A rosa dos ventos” obra lançada em 1972, trás à tona o problema das drogas, cujo livro entrou em discordância em relação à opinião de algumas pessoas porque o garoto Luiz personagem do livro que se envolve no mundo das drogas não consegue sair dele. Na obra não houve aquele final de superação que todos esperam em uma obra de ficção talvez essa tenha sido a intenção da autora, mostrar que em muitos casos o final se compara com a realidade e que na maioria das vezes o resultado é triste e sem solução.

No ano de 1974 escreve “E agora” obra que trata do preconceito racial buscando a valorização do negro de uma forma tradicional associando aos negros características que são próprias do homem branco. Sem ser intencional ela em vez de denunciar o racismo faz com que o leitor tenha a impressão que o negro realmente pertence a uma categoria inferior. Ou seja, apesar de estar bem intencionada ela não conseguiu passar sua mensagem com clareza. Ao escrever “Os dois lados da moeda” em 1978, trata novamente das injustiças sociais, voltando

o olhar para as classes menos privilegiadas ao colocar em discussão os problemas vividos pelos favelados e para demonstrar que existem, também, como em qualquer lugar pessoas idôneas cumpridoras dos seus direitos e deveres. Para isso coloca como protagonista da obra um menino que demonstra um comportamento espetacular como ícone ideológico com a intenção de esclarecer sobre a problemática por que passam as pessoas que moram nas favelas, e em muitos casos não veem seus direitos serem respeitados.

Em 1979 escreve “Pedro Pedreiro” que na obra tem como cenário as grandes construções milionárias na capital paulistana, fala do homem que possuía habilidade de construir casas imponentes, mas não possuía uma para morar.

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, mas sob aquelas circunstâncias com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado., (Guimarães 2012, p. 36).

Nesse livro percebe-se que o homem depara-se com circunstâncias adversas à sua vontade, a obra fala das contradições existentes entre as classes sociais, do pobre que trabalha muito e é mal remunerado, homens que na sua maioria são retirantes vindos de parte do país em busca de oportunidades, no entanto não possuem escolaridade suficiente para conseguir os melhores cargos ficando a mercê da sorte e são obrigados a ingressar no mercado da mão de obras onde o serviço é pesado embaixo de sol e chuva e a remuneração mal dar para o sustento da família.

São homens que tiveram a vida sofrida na roça e na sua maioria são analfabetos e o seu futuro nada mais é do que o reflexo da vida passada sem oportunidades efetivas de crescimento e desenvolvimento social e que trabalham para os mais favorecidos, e o salário que recebem não condiz com o esforço físico depositado na execução do mesmo, constroem, porém não possuem o direito de usufruir. Elias (2014) acrescenta que a obra comenta sobre “grileiros” e a exploração desmedida da miséria. Em 1981 lança “As empregadas” que trata da temática das empregadas domésticas ressaltando alguns pontos da mulher moderna que enfrenta o mercado de trabalho. Em “O mistério do botão negro” Odette retoma seu lado detetive e cria uma história de mistério na qual o garoto Cuco vive muitas aventuras com ladrões de sacola do correio, é uma narrativa divertida que prende a atenção do leitor e é tudo solucionado no final.

Ao pensar nos filmes de aventura exibidos na TV associa-se à obra “O caso da ilha”, que possui um enredo sequenciado, em ritmo frenético dando a ideia de muito movimento, muita ação, um enredo vivo no qual o leitor pode perceber a dinâmica da resolução da problemática discutida no decorrer da leitura. Uma linguagem rápida, destacando um enredo ingênuo, mas que atrairá o leitor para viajar nessa aventura. Odette viaja também pelos caminhos dos contos maravilhosos e nessa viagem passa pela China e narra uma história infantil que envolve sentimentos como o amor, a amizade e a generosidade na procura constante da mudança, da transformação, da superação do quadro de miséria que se apresenta na narrativa.

Com foi citado no início desse capítulo deixamos para falar de “Justino, o retirante”, no final da exposição de alguns livros escritos pela autora por conta da importância deste, para a dissertação por ser o norte deste trabalho e por sua importância para a literatura brasileira. Neste livro Odette faz voltar à tona uma denúncia feita por romances regionalistas dos anos 20 aos anos 40 expondo as mazelas porque passam o povo brasileiro, as injustiças sociais sofridas fazendo com que o povo fique refém dos problemas que oprimem o Brasil, em especial da Bahia para cima. Essa temática regionalista acontece no plano cultural literário, que envolve as diferenças regionais no Brasil e o que essas diferenças significam para a nossa cultura.

O período pós 30 marcou uma nova fase no desenvolvimento da literatura brasileira. Tendo, nessa época, o nordeste uma produção mais intensa por viver essa triste realidade. Ao escrever o livro “Justino, o retirante”, a autora expõe o primeiro trabalho direcionado para jovens a tematizar a problemática social brasileira, no qual demonstra o retirante nordestino, na figura de Justino menino que após perder os pais em um espaço curto de tempo sente-se sozinho e abandonado, além de ver as terras que o pai trabalhou tanto e por muito tempo ser destruída pelos homens do patrão que era uma criatura sem coração e não respeitara nem o luto do menino, explorara os pais de Justino, enquanto vivos, e agora queria destruir tudo que um dia fizera parte da vida dele. Decide partir mesmo contra a vontade dos padrinhos que queriam que ele fosse para sua morada e passasse a conviver com eles. Apesar de concordar com o menino seu padrinho ficou muito triste e preocupado. Justino agora era um retirante nordestino perdido por esse mundão de

meu Deus, apenas um garoto e já tão sozinho no mundo à procura da caridade humana. Sendo o livro considerado um marco um clássico da literatura juvenil.

Em “Justino, o retirante”, a autora revela o sofrimento porque passa o povo nordestino quando para fugir da seca, da fome, da miséria e da exploração deixam tudo para trás e vai a busca de novas oportunidades contribuindo assim para o êxodo rural e a superpopulação das cidades a exemplificar São Paulo que é visto por muitos como uma imensa fábrica de sonhos e que em muitas situações torna-se um grande pesadelo com a superpopulação gerando o aumento dos moradores de rua originando um grupo que fica à margem da sociedade, que sofrem todo tipo de preconceitos e discriminação aumentando a estatística da parte da população sem perspectiva de mudança e futuro. Na obra Odette inicia uma verdadeira luta de esclarecimentos e conscientização, tentando, através desta, demonstrar que a miséria, a ignorância e a injustiça social, retratadas no livro fazem parte da vida do nordestino e representam um grave problema social.

Por ser considerado por especialistas em Literatura Infanto Juvenil um clássico do gênero, “Justino, o retirante” foi agraciado com o Prêmio Monteiro Lobato (Academia Brasileira de Letras) e com Menção Honrosa do Prêmio Internacional Hans Christian Andersen (International Board of Books for Young People). Ao dedicar cinquenta e cinco anos ao fazer literário, a autora criou e publicou em torno de setenta títulos com tiragens que superam milhões de exemplares e conquistando com isso muitos outros prêmios, tais como: Prêmio de Literatura Infanto Juvenil (Fundação Educacional do Distrito Federal), três Menções Honrosas do Departamento de Cultura do Município de São Paulo. Menção Honrosa do Prêmio Narzinho (Conselho Estadual de Cultura de São Paulo), Prêmio Correio Paulistano. Participou de várias antologias. Tem livros traduzidos em espanhol e lituano.

Odette de Barros Mott faleceu em 1998, aos 85 anos, ela era engajada com o social demonstrava em suas obras a preocupação latente pelo ser humano e a complexidade de sua existência, sentia o ser humano em sua essência, suas preocupações, seus conflitos, suas angústias. Denunciava a escravidão por que passava os menos favorecidos, os preconceitos e as injustiças sociais de uma forma lírica e real levando os leitores a refletirem sobre o conteúdo das suas produções. Também, gostava de fazer rir, por isso escreveu livros lúdicos e bastante humorados para crianças além de obras policiais, de suspense, aventuras, romances históricos e novelas sentimentais para jovens e adultos.

3. QUANDO A VIDA IMITA A ARTE

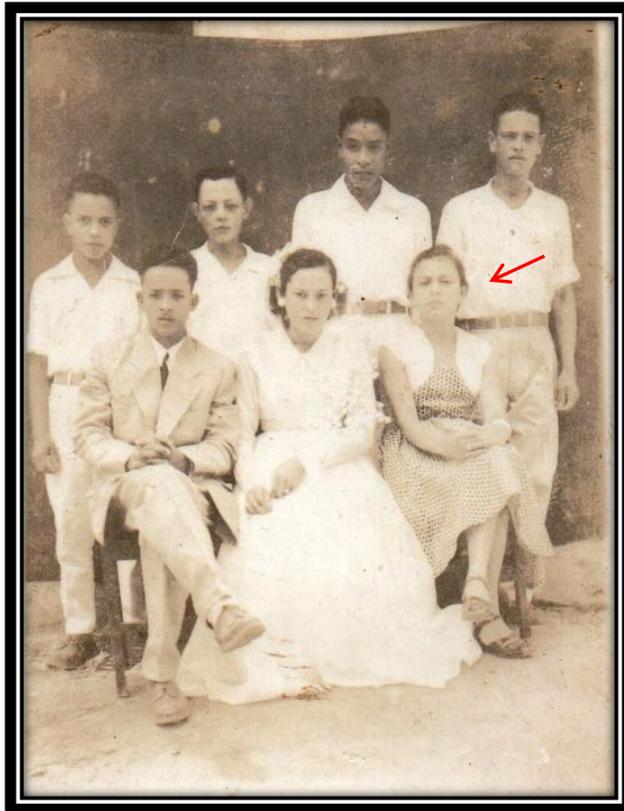


Figura 02 – Aquelina, mãe da autora da dissertação, no casamento da irmã mais velha

Desde criança sempre vivi encantada com as histórias que meus tios Severino e Jacinto contavam ao redor de uma fogueira, à beira da mesa ou até mesmo no terreiro da casa nas noites estreladas, nesses momentos eu ficava a imaginar cada passagem, cada rei, rainha, príncipe, mendigo, bruxas, anões, gigantes personagens que faziam parte daquelas histórias narradas com tanta veemência que me fazia sentir parte delas, como se pudesse participar daquela aventura que jamais seria esquecida e ficaria para sempre nos meus melhores sonhos.

Nasci em uma linda fazenda onde podíamos usufruir da natureza em sua plenitude, ao observar o canto dos pássaros com suas penas coloridas ao revoar em torno de nós, podíamos sentir que a vida fluía naquele lugar com beleza e esplendor. Vivíamos a tomar banho de rio com suas águas límpidas e brilhantes refletindo os mistérios existentes à luz do sol com seus peixes coloridos a brincar com os anzóis dos mais velhos que gostavam de mergulhar a procura de locas de onde tiravam pitu e acari para fazer deliciosas moquecas. Era um lugar mágico à beira do rio que desafiava com suas águas correntes e fartas a todos que queriam

nele penetrar, com frutas de todas as formas e gosto ao alcance de nossas mãos, as flores davam um ar primaveril carregadas de perfumes e beleza, como era lindo admirar aquele universo de beleza ímpar. Durante o dia podíamos contemplar a imensidão do céu com um lindo Sol a brilhar avisando as boas novas, era uma visão plena que dava a impressão que nada mudaria e seria perfeito para toda eternidade.

Mesmo quando chovia era possível perceber a magia das gotas d'água a baterem no telhado com o seu barulho sequencial ou observá-la a tocar suavemente nas folhas das arvores tomando formatos diferentes até tocar no chão e descer pelo regato fazendo o caminho de um novo ciclo. Durante a noite podíamos contar as estrelas do céu e se a lua fosse cheia a atmosfera era revestida de encantamento e beleza. Ao amanhecer sentíamos a grama úmida a molhar nossos pés descalços enquanto as gotas de orvalho tocavam nosso corpo anunciando a chegada de um novo dia representando a vida em todo seu esplendor divino e único.

A casa de farinha com suas histórias a contar, amores desamores, desfiando o rosário do tempo que segue sempre de formas adversas deixando um gosto de saudade e de quero mais, chego a sentir o cheiro da farinha a torrar no vai e vem da paleta das mulheres que estão na beira do fogo a cantar cantigas de amor num ritmo saudoso que o tempo não faz voltar deixando uma triste alegre nostalgia no ar. Meu pai trabalhava na lavoura do cacau e minha mãe ficava em casa cuidando dos quatro filhos. Apesar da vida naquele lugar ser maravilhosa meu pai não se conformava em passar o restante da vida ali queria ir para a cidade, estava cansado da labuta na lavoura, trabalhará, quando solteiro, por muito tempo, como caixeiro viajante, conheceu muitos lugares, viveu muitas aventuras e não conseguia assentar o pé no chão, queria sair dali sentia-se preso em meio de tanta liberdade.

A família mudou-se para uma pequena cidade do interior, chegando lá, meu pai abriu um armazém ao lado da ponte que cortava a cidade, vendia farinha e estava tudo indo bem quando de repente começou a chover e em um curto espaço de tempo nós vimos o sonho de prosperidade ir por água abaixo, uma enchente de grandes proporções alcançou o armazém perdendo tudo. Ficamos sem nada, meus pais perderam tudo e tiveram que recomeçar do zero, todo o investimento feito com a venda da propriedade fora perdido e como toda tragédia não vem sozinha, também, ficamos sem casa porque morávamos junto com o comércio e tivemos que nos mudarmos para outro lugar. Sem a renda do comércio, que para os meus pais significava a prosperidade futura com a compra e venda da farinha que garantia o

sustento e estudo dos filhos, eles ficaram muito entristecidos porque não sabiam como sustentariam cinco filhos, foi então que ele resolveu voltar à antiga prática de carpintaria e minha mãe fazia alguns serviços que foram surgindo, naquele tempo eu senti como se tivessem me tirado da minha casa, da minha vida na roça onde a fartura era o que predominava.

Por conta da situação financeira tivemos que aceitar o convite de um de nossos tios que morava na cidade há algum tempo e já possuía sua casa própria. Mudamo-nos, novamente, dessa vez para a entrada da cidade a casa era pequena e muito aconchegante, mas, o que eu realmente gostei dela foi o enorme quintal que ficava no alto e ventilava muito, nele existia um enorme pé de jaca que por sua idade e tempo dava a impressão que não queria dar mais frutos só ajudar as crianças a serem felizes. A jaqueira dava para um lugar fundo e podíamos sentar no balanço, improvisado pelo meu tio, e irmos de um lado a outro da vargem que ficava embaixo da árvore, nesses momentos tínhamos a impressão que ela estava a sorrir por contribuir para a felicidade que proporcionava àquelas crianças tão alegres e sorridentes. Como gostávamos dela, como era nossa companheira e se alguém falasse em cortá-la provocava a maior confusão porque as crianças da redondeza se uniam a nós e não deixávamos que nada acontecesse com nossa amiga.

Nessa mesma época minha mãe teve sua última filha, a caçulinha, que era loirinha como uma espiga de milho ao sol e que significava mais um filho para criar, educar e ver no futuro um cidadão de bem. Nós vivíamos repartindo com nosso tio a casa que por caridade ele nos cedera uma parte para morarmos. No entanto aquela paz não duraria muito porque a cidade que na ocasião, já servia de acesso para outros lugares necessitava de uma ponte por a que existia não era resistente para a passagem de carros, para construí-la seria necessário à existência da rede de esgotos e para que essa rede fosse construída seria preciso que algumas casas fossem demolidas em prol do “progresso” a nossa ficava exatamente onde seriam colocadas as manilhas da rede de esgoto.

Minha mãe entrou em desespero, ninguém conseguiria tirá-la dali não aceitava que o irmão tivesse trabalhado tanto para comprar aquela casa e agora ficaria com praticamente nada, porque a oferta feita pelo prefeito da época, que inclusive era compadre de mãe por ter batizado nossa irmã mais velha, fazia vergonha era como se a casa não possuísse nenhum valor. Mas de nada adiantou os protestos de mãe, o dia da demolição das casas foi marcado, foram chegando à

cidade umas máquinas amarelas enormes com a sua grande boca de ferro e foi engolindo tudo, enquanto uma derrubava com aquela imagem monstruosa os lares que foram construídos por seus donos com tanto sacrifício, outras máquinas com suas línguas enormes carregavam a terra e escombros para o outro lado do rio. Crianças choravam de medo e desamparo, enquanto a dor dos seus pais era de desespero e abandono, por ali latiam, indo de lado a lado, os vira-latas ao perceberem o desalento dos seus donos. Enquanto isso pessoas tentavam convencer mãe a sair de dentro de casa porque o responsável pela obra, impaciente queria derrubar a casa com uma mãe e seus cinco filhos dentro.

Todos nós já estávamos chorando de desespero, aquele homem colocara a máquina, com um barulho ensurdecador, para circular a casa, grudávamos em mãe e não iríamos largá-la apesar do medo. Sentíamos que a casa toda vibrava, a areia e a poeira já estavam tomando todo o lugar nos sufocando, as pessoas lá fora gritavam que iríamos morrer soterrados, mãe estava muito desesperada não sabia o que iria fazer com tantos filhos para criar sem ter nem uma casa para morar. Pai do lado de fora buscava desesperadamente alguém que conseguisse convencê-la a sair daquele lugar e fugir da morte que era iminente. Foi preciso a intervenção do prefeito para que as máquinas parassem seu funcionamento ate convencerem aquela senhora a deixar mais uma vez o seu lar para trás e foi o que ela fez depois de parar e refletir sobre o amor que sentia por todos nós, coração de mãe falou mais forte e deu às costas juntamente com seus filhos enquanto ouvia o barulho do seu sonho mais uma vez ruir e se transformar em uma grande nuvem de poeira.

A mudança dessa vez foi para uma casa que ficava no alto e na parte do quintal passava o rio com suas águas correntes, largo, raso, bom de nadar que mexeu com minhas lembranças e juntamente com meu irmão vivíamos a nadar e passear de canoa, pescar traíras e piabas para comer assadas até a noite chegar ou minha mãe nos pegar e dar uma bela de uma sova. Minhas duas irmãs mais velhas já estavam na escola e minha mãe dizia que era só para gastar ABC e tabuada por isso resolveu que eu só estudaria mais tarde, com oito anos já conhecia o mundo das letras e das palavras e com nove anos já dominava as letras e as palavras.

A partir daí vivia viajando no mundo das palavras e tudo que achava queria ler, conhecer, viver. Aliado a isso, gostava de nadar no rio, pescar, passear por baixo das mangueiras enquanto me fartava daquelas frutas suculentas, colher goiabas com minha mãe e irmãos fruta essa que existia em grande quantidade na

região na qual morávamos sem contar o pó de serra para escorregar à tarde inteira, quando eu, minha irmã e meu irmão juntamente com outras crianças tínhamos que buscar lenha na serralheria para acender o fogão, nesse momento sentíamos o vento acariciar nossos rostos na descida para a liberdade, para uma nova aventura.

Para minha mãe, analfabeta funcional, era muito importante que seus filhos aprendessem a ler, a decifrar os códigos da leitura, a se prepararem para ter um futuro melhor. Mesmo sem dominar a leitura nos colocava todos os dias para fazer o dever de casa e estudar, a leitura diária era sagrada e quando não sabíamos fazer alguma atividade ela saía em busca de alguém que pudesse nos ajudar porque não admitia que retornássemos para a escola com alguma atividade sem fazer. Para ela o estudo era o único caminho para uma vida diferente da que ela estava vivendo, tinha que trabalhar muito para nos sustentar e a cada dia ficava mais difícil. Naquele tempo os pais tinham que comprar todos os livros, aumentando os gastos por isso os pais de baixa renda costumavam comprar livros usados ou um irmão usava o livro no ano seguinte por isso eles eram forrados e bem cuidados porque a cada final de ano eram desmanchados e passados para outro irmão ou vendidos a baixo custo e assim foram passando os anos.

Com o trabalho de carpinteiro e ajuda da minha mãe meu pai conseguiu comprar uma casa grande em frente à estrada que dava acesso a outros municípios. Na nova casa que era bastante espaçosa, com um enorme quintal para brincarmos e muitas plantações minha mãe resolveu construir uma casinha para criar animais, que futuramente se transformara em uma casinha de cimento para brincarmos. Nessa ocasião eu já estava encantada com os livros e aproveitava quando minha irmã mais velha saía para passear e viajava nas leituras de livros e revistas como: contigo, Grande Hotel, Sétimo Céu e outros que contavam histórias belíssimas no formato de fotonovelas ilustradas, lia também os livros do Pateta, Tio Patinhas, Mickey, Almanaque Disney porque eram divertidos e cheios de aventuras.

A adolescência é, portanto, o período situado entre a infância e a vida adulta e vai se configurar basicamente numa série de mudanças em todos os níveis do ser, adicionada da experimentação de todas essas novidades físicas, hormonais, intelectuais, culturais, emocionais, familiares, sociais, morais etc. Por isso mesmo, a adolescência irá se caracterizar pela tendência de rompimento com os modelos preexistentes, na busca dos próprios modelos, principalmente no que tange aos padrões de relacionamento familiar e social. O despertar para novos interesses fora do circuito doméstico contribui para o estabelecimento de uma individualidade própria e para a descoberta das vocações. (PIGOZZI 2002, p.26-27).

Não importavam as broncas recebidas por parte da minha irmã que não aceitava que ninguém tocasse em seus livros; mantinha-os em uma caixa arrumada e escondidos, após achá-los ia para o meu refúgio e ficava lá por horas a fio, já havia deixado de lado as bonecas de pano, de sabugo de milho, o pega-pega, o esconde-esconde, o pular corda, o jogo de amarelinha e tantas outras brincadeiras que fizeram parte da minha infância. Com o passar do tempo novos livros foram surgindo começando assim, uma seleção natural de escolha literária. Na terceira série primária conheci uma professora diferente ela era uma pessoa calma, tranquila, centrada no trabalho e muito amável, somado a isso possuía uma forma própria de ensinar que conseguia envolver a turma. Ficava a observá-la trabalhando e tratando a todos com igualdade, diferente de outras que haviam passado por minha vida e que muitas vezes foi difícil de compreender alguns gestos e atitudes para com a turma. Estava decidido queria ser professora para ensinar, aprender, encantar e ser encantada por esse mundo vasto de conhecimentos.

Sendo o homem um ser que está sempre em transformação, sente a necessidade de experimentar o novo, conhecer, estudar, aprender e modificar o meio em que vive. Nesse contexto a busca da aprendizagem faz parte do querer humano que visualiza crescer e conhecer de maneira ampla o mundo no qual está inserido. Apesar de todo ser humano possuir sua individualidade é vivendo em comunidade que tem a oportunidade de vivenciar diversas experiências, por isso o homem necessita ser um ser social que está em constante busca e nessa trajetória a educação possui um papel de fundamental importância na formação moral do indivíduo para que o mesmo consiga despertar uma consciência crítica e moral.

A escola é um espaço onde pessoas se encontram e produzem relações sociais. Essas relações poderão ser ricas e humanas, mas também poderão ser desumanizadoras quando não estiverem em sintonia com os projetos e aspirações dos sujeitos envolvidos (SOARES, GIOVANETTI E GOMES 2007, p. 77).

Aquele momento escolar foi muito importante porque representou a mudança do olhar em relação ao professor, nem todos eram iguais, era necessário perceber a individualidade de cada um e o papel exercido por todos dentro da coletividade para que as relações sociais fossem estabelecidas de uma forma harmoniosa e eficaz gerando cidadãos capazes de conviver e crescer dentro de um contexto social primando pela educação como meio de transformação social e individual.

Algum tempo depois meu pai resolveu vender a nossa casa e comprar um caminhão para trabalhar na firma que era a responsável pela construção da BR 101. Tempos difíceis, ele passava longos períodos sem aparecer em casa e isso fazia com que a minha mãe tivesse que trabalhar muito como costureira e dona de uma venda alugada. Para ela era muito sacrifício porque tinha que acordar muito cedo e dormir tarde da noite na máquina de costura que garantia parte do sustento da casa, mesmo assim nunca desistiu das quatro filhas e do único filho homem, ela usava o seu exemplo para nos mostrar como era importante estudar e garantir um futuro profissional pensava na nossa educação como única forma de modificar o futuro que nos aguardava.

Na concepção de Nunes educar sob inspiração da ética é mais que transmitir valores morais, é criar as condições para que as identidades se constituam pelo desenvolvimento da sensibilidade e pelo reconhecimento e direito à igualdade a fim de que orientem suas condutas no seu tempo. (NUNES, 2002, p. 53-64)

Citava sempre que para sermos pessoas de bem deveríamos respeitar sempre o espaço do outro, era uma família grande por isso conduzia com mãos de ferro não admitindo nenhum desvio de conduta, éramos repreendidos sempre que errávamos com os nossos irmãos ou outras pessoas.

Cada família tem suas regras de conduta e padrões de relacionamento. As regras que funcionam tão bem para os filhos pequenos não servem mais quando eles se tornam adolescentes. Os filhos podem espernear, reclamar, achar chato, retrucar, mas, ao conversar com eles a esse respeito, reconhecerão que determinada postura de limite era correta, o que muitas vezes põe por terra até as mais emocionadas queixas juvenis. (PIGOZZI, 2002, p.135).

Para ela o legado que poderia deixar era os ensinamentos aprendidos dentro do lar e que estes nos seriam de grande valor por toda nossa vida. Não admitia que seus filhos desrespeitassem ninguém, ensinava-nos a sermos caridosos e tementes a Deus, possuía seus valores e fazia questão que todos seguissem e sempre dizia que no futuro saberíamos o valor real de cada coisa. Além de ser muito preocupada com a família ela era uma pessoa muito caridosa e religiosa, estava sempre nos levando à igreja durante a semana e aos domingos. Se chegasse alguém em nossa porta pedindo algo para se alimentar não saía sem receber, mesmo que não tivesse o que foi pedido ela providenciava outra coisa do pouco que existia em casa e dizia que nós deveríamos lutar para que nunca precisássemos

pedir e que sempre estivéssemos prontos para doar porque era assim que Deus sempre estaria a nos proteger através de nossas ações.

Havia dias que a necessidade era tanta que ela acordava antes do sol raiar e ia para a máquina inventar alguma coisa para costurar e tentar vender bem cedinho para garantir o nosso café da manhã. A nossa função como filhas era cuidar da casa e ajudar a fazer bainhas das roupas e prender os botões para agilizar as entregas e receber o pagamento para nosso sustento e pagar o aluguel da casa enquanto pai estava longe e demorava de chegar. O tempo passou e chegou a hora da festa da oitava série que naquela época os pais comemoravam como se fosse uma formatura, uma colação de grau. Lá estava eu em meio a tantos colegas de brincadeiras, sala, amizade. Todas as meninas estavam com um vestido de musseline verde água foi um dia inesquecível, minha mãe juntamente com meus irmãos e meu pai estavam presentes nesse momento muito significativo em minha vida, uma etapa cumprida, novos desafios viriam pela frente. Dava para perceber nos olhos da minha mãe como ela estava feliz de finalmente ver uma filha realizar um sonho que também era dela.

Ao olhar para minha mãe, no dia seguinte, pude perceber uma ruga se formar além das que já existia naquele rosto cansado, marcado por tantos desafios, a festa já acabara e agora era tempo de pensar no que faria para continuar os meus estudos porque na cidade em que morávamos não existiam colégios a partir da oitava série e eu teria que estudar na cidade vizinha, mas isso traria custos além do que ela poderia suprir, nesse interim meu pai já havia viajado novamente e só Deus saberia quando voltaria novamente para nos ver e trazer algum dinheiro para casa. Nesses momentos, ela ficava muito triste e chorava, muitas vezes, quando pensava que não estávamos a observá-la, ouvindo o disco de vinil a tocar em sua minúscula vitrola, já gasta pelo tempo, canções de amor que aumentavam sua saudade e melancolia. Tivera muitas chances de estar onde nosso pai estava, no entanto desistira de estar sempre junto dele, porque, para ela, se assim o fosse nós não iríamos estudar e estaríamos condenados a um futuro sem esperanças.

De acordo com Teixeira (1947), para que os sonhos se realizem é necessário que se armem os andaimes e nesse caso essa construção não deve ser feita de qualquer jeito, nela deve constar imaginação e amor para que possa ser entendida, por isso minha mãe desistiu de viver sempre junto de nosso pai em prol de construir um futuro melhor para todos nós. Quando desistiu de segui-lo por onde

quer que fosse ela estava abrindo mão de seus sonhos para concretizar os nossos mais tarde. Preferiu viver essa longa e saudosa distância, não sabendo ela que sua tristeza, também, nos acometia e ficávamos quietos a observar a força que ela tirava de dentro de si para tornar a se erguer. Passado aquele momento, aquela mulher pequena e aparentemente frágil começava a agir e tomava decisões com muita força e coragem.

Desde que pai vendeu a nossa casa não conseguiu mais comprar outra até aquele momento, morávamos de aluguel, sempre de casa em casa, de rua em rua às vezes não havia tempo de fazer amizade com os vizinhos que já era hora de ir para outra rua, porque os donos pediam para passar para algum filho que se cassasse, isso era prática normal naquela época, e então a melhor decisão seria uma nova mudança já que a casa que estávamos não era nossa e mais cedo ou mais tarde teríamos que entregá-la. Escolhida a casa dentro das condições de pagamento a mudança foi efetuada, nova cidade, hora de recomeçar, de fazer novas amizades na rua em que passamos a morar, na escola e na igreja, tudo era novo, diferente, um desafio. A rua era em frente a um colégio público e para minha maravilhosa e agradável surpresa perto da biblioteca pública que eu ficava sempre a observar, sentada em um passeio circular que fazia parte do local.

Comecei então a frequentar a biblioteca e sempre estava com um livro em mãos viajei por muitas terras, conheci muitos lugares, personagens divertidos, tristes, polêmicos, fanfarrões, alegres, mágicos, fortes, fracos, covardes, corajosos, cada dia que passava era uma nova aventura naquele mundo fantástico que aguça nossa criatividade e que nos faz ver o mundo com os olhos do escritor. Quantas tardes diferentes passadas naquele lugar de aprendizagem significativa e de grande importância para minha vida futura. Foi nesse cenário que eu conheci um Senhor amigo da família vizinha que também gostava de ler e ao ver meu interesse pelos livros resolveu me presentear com o livro “Justino, o retirante”, o primeiro livro que recebi de presente na vida, até então eu não havia feito uma leitura como aquela, tão real, poderia sentir o sofrimento daquele menino em perder os pais - quase na mesma época - e ser abandonado pelo antigo patrão do seu pai que iria destruir sua casa, seu lar para criar animais.

4. QUANDO A ARTE IMITA AVIDA

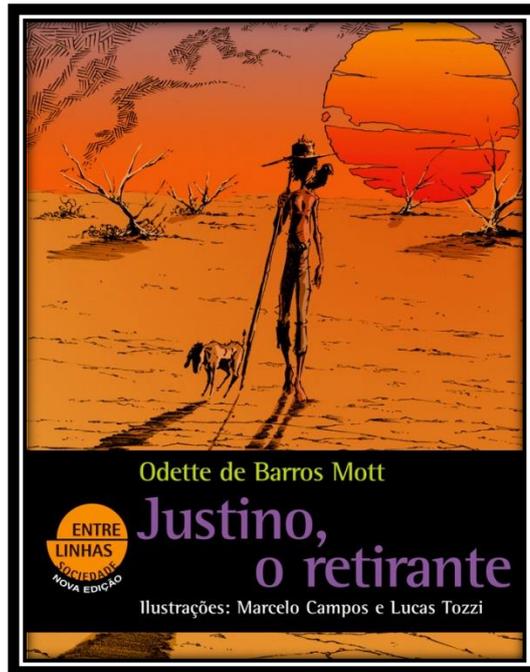


Figura 03 – Capa do livro “Justino, o retirante”.

Sem saída, Justino não conseguia administrar aquela dor que dilacerava o seu coração e era tão intensa que não conseguiria continuar naquele lugar que só lhe trazia sofrimento e dor, lembranças que não seriam esquecidas apesar do amor que os padrinhos estavam dispostos a dedicar-lhe para sempre. O menino resolve então fugir sozinho na madrugada deixando tudo para trás e vai à busca de novos sonhos, porque seu interior está vazio, sofrido, angustiado e precisava andar para bem longe dali, conhecer outros lugares e pessoas, um futuro incerto cheio de medo e sofrimento.

Tão pouco importa em que fase esteja sua vida, se você anda absorvido pela roda-viva e perdeu o hábito de sonhar ou congelou sonhos para enfrentar a dura realidade diária. Não importa se seus sonhos viraram pesadelos, se você deseja fazer uma grande mudança e não sabe por onde começar. Tão pouco importa se tudo está correndo bem. O que importa é que você volte a acreditar nos seus sonhos. (SOUZA, 2003, p. 169).

Justino estava sozinho no mundo, precisava, agora, ter uma nova vida, criar coragem para seguir em frente apesar da solidão, procurar um novo rumo para sua existência, sabia que não poderia ficar naquele lugar, porque seria a lembrança constante do sofrimento dos pais aliado a sua própria dor. O padrinho ficara triste, porém admirava o afilhado que apesar de ser tão pequeno já se portava como

homem e partiu em busca do seu destino, de uma vida melhor, não aceitando ficar para ver tudo que o pai construiu ser destruído sem nenhum respeito e consideração. Iria procurá-lo, no entanto, não desejava que ele estivesse de volta para aquela terra maldita que só causa fome, tristeza e dor. E pela sua previsão a seca que estava prestes a acontecer seria uma das piores já vistas por aqueles lados a terra ficaria esturricada, partida pela força do sol que colocava o sertão com um aspecto de morte sendo brindado com a presença das aves de rapina que ficavam voando ao redor de qualquer coisa viva que se movesse na esperança de vê-la sucumbir, como aves de mau agouro, que esperavam a falência do outro para poderem se alimentar.

Para o padrinho de Justino a fome já se fez companheira de cada sertanejo que labuta, sofre e trabalha pelo sertão afora acredita que em pouco tempo nem a farinha restará para mascarar a necessidade de alimentos que venham a suprir os espaços deixados naquelas barrigas ávidas de fome. O sol vermelho queimava, como brasa incandescente, juntamente com aquele céu tão azul sem nuvens para anunciar que a chuva demoraria a chegar, deixando pelo sertão afora um longo rastro de fome e morte. Poderia visualizar aquela época de horror, tudo seco queimado pelo sol, o verde que outrora cobria a terra transformara-se em terra avermelhada, seca com um fio de vida quente que seca os rios, a água desaparece transformando os mananciais em poças lamacentas e mal cheirosas os animais e as pessoas se misturam como fantasmas ossudos ávidos por comer e beber água, não havendo diferença de um para o outro, misturando-se as dores na ânsia da morte que circunda o sertão de meu Deus. Compadre Tião, como era chamado pelos pais de Justino, estava tomado por uma mistura de sentimentos ao voltar para casa, para junto de sua mulher, por um lado chorava de tristeza por não achar Justino afilhado tão querido, por outro se sentia aliviado por saber que ele não voltaria para aquele lugar sofrido e sem futuro.

Ao sair de casa Justino levava consigo uma trouxa contendo uma camisa, a sandália de couro cru feita pelo pai e suas calças, tudo isso enrolado na toalha de saco de açúcar que a mãe tecera na borda para colocar na cabeça quando havia missa na capela, chegou perto do fogão que tantas lembranças representavam da mãe que perdera, pegou um pouco de farinha e a rapadura que sobrara após comer e dar um pedaço para Pitó: seu cachorrinho sarnento que o acompanharia durante a viagem. Ao resolver sair de vez passa em frente à camarinha da mãe e sente uma

tristeza muito grande, as lágrimas começam a rolar tocando no peito emagrecido, passeia com os olhos até o oratório da mãe onde ela costumava rezar com ele perto da imagem de Nossa Senhora da Conceição, que fora presente da avó, coloca a imagem na trouxa, pega o papagaio e sai rapidamente daquele lugar para nunca mais voltar.

Justino caminha rápido debaixo do sol escaldante, que solidão, que abandono, saíra da sua moradia na qual vivera por doze anos, mesmo com todo sofrimento tinha o amor e o aconchego dos pais e vê-los morrer, daquele jeito, o pai mordido por cobra venenosa e a mãe juntou a fraqueza com a tristeza de perder o companheiro de uma vida também se foi restando só ele e a saudade. Seu corpo frágil, suas pernas fracas e ossudas, seu corpo cansado embaixo de um chapéu de palha confeccionado por ele que dava a impressão que a qualquer momento pegaria voo, tal qual era a sua leveza e aspecto triste, os galhos secos com suas pontas afiadas atrapalhavam a caminhada, tudo era agressivo, tudo dava medo.

O papagaio parecia sentir o temor de seu dono e mantinha-se calado e preso ao seu ombro, Pitó aninhava-se às suas pernas enquanto ele fugia da fazenda, do patrão, da dor e sofrimento que o tempo se responsabilizaria de aplacar desejando muito ficar livre de qualquer perseguição e encontrar um grupo de retirantes para que seguisse adiante não tão sozinho. Ele estava tão cansado que não conseguia ter a noção correta do tempo, suas pernas se negavam a continuar caminhando e carregando aquele corpo exausto, podia perceber que alguns dias tinham se passado, ou algumas horas era impossível saber, dada a situação, decide então parar para respirar e comer um pedaço de rapadura e um bocado de farinha, sente-se desfalecer de tanta fadiga e fraqueza, observa adiante um lugar, entre pedras, propício para descansar, então senta e começa a roer um pedaço de rapadura observando a estrada vazia por onde passavam os retirantes.

Todos os anos, depois da seca que destruía as plantações, matava os animais, fazia com que várias famílias fugissem do seu lar, vinha à chuva que às vezes era tão forte causando enchentes absurdas, de grandes proporções, que destruíam grandes propriedades, levavam animais e deixavam muitas pessoas desabrigadas. Quando a chuva molhava o chão e escorria pelos vales, lagos e rios; molhando a dor da alma das pessoas; causando mudanças; tirando a secura da terra, o cheiro de morte, sofrimento e dor, vinha o mato verdinho cobrindo tudo e acontecia o grande milagre do sertão. A vida voltava a florescer em todos os lugares

e era bonito de se vê a esperança que brotava no coração daqueles que não partiram ou foram para perto e deu para regressar era tudo uma questão de saber esperar e ter fé que a situação iria ser diferente no futuro essa sempre foi uma das grandes forças do nordestino crer que um dia tudo iria mudar.

O papagaio de Justino ficara para trás em um galho torrado pelo sol, o menino já não aguentava mais andar sozinho, os olhos ardiavam, não conseguia enxergar direito devido a claridade causada pela luz do sol, precisava encontrar os retirantes para ter companhia para seguir em frente. Pitó já não aguentava mais as picadas das pulgas e dos bernes mesmo assim continuava com seu dono. Justino deixa o pasto e envereda pela caatinga maltratada pela seca, mudando de rumo, procurando trilhos que possa seguir na intenção de encontrar alguém, sente pavor, tamanho é o silêncio e a solidão, a noite surge com seus medos, negra como o ébano, sem calma como se intencionasse transformar tudo em uma grande e assustadora escuridão, não quer pouso ali seguiu adiante sem compreender de onde vem a força para continuar andando tal é o peso das pernas e do corpo inteiro.

Já era muito tarde quando, em uma volta do caminho, Justino vê um grupo de retirantes composto por seis homens, quatro mulheres e mais ou menos vinte crianças que estão com as roupas em pedaços são franzinas e dão a impressão de ser a extensão da caatinga, misturando-se com a terra vermelha em uma única sintonia de miséria e desesperança. O garoto é observado pelo grupo sem nenhum interesse, a fome tira qualquer entusiasmo, e mais um retirante seria só para somar, mais ainda, a falta de comida; de água e esperança. Estão cansados, com os pés em brasa, rachados, doídos, sofridos sendo levados à frente pelo medo que sentem da morte que ronda. Para ele também não existe ânimo abre a boca ressecada pelo sol e ensaia uma boa tarde sem nenhum entusiasmo, a mulher mais velha do grupo pergunta pela mãe e ele responde que não tem mais ninguém, vive só, caminha só, apesar da apatia todos se voltam para ele, tão criança, tão pequeno e sozinho no mundo, era sempre a mesma história, a seca, a fome e a ganância do patrão que tomava as terras e os deixava perecer.

Ao juntar-se ao grupo Justino não esboçava nenhuma emoção, sentia-se como se fosse qualquer coisa, ainda estava vazio por dentro e precisava se encontrar, não importava para onde iria só queria estar cada vez mais longe daquele sertão ingrato que tanto mal causou em sua vida. Seguem adiante só ouvindo, de vez em quando, o lamento de uma criança que geme pela dor e sofrimento porque

passa naquele lugar esquecido, no final do dia a terra sente o frescor e surgem os pirilampos com suas luzes a piscar dando um sinal de esperança ou não, a fome aumenta e com ela a saudade da mãe do pai e da casinha juntamente com as plantações que foram tomadas e destruídas pelos gados daquele coronel sem coração. Justino enrola-se na rede como se sentisse os braços da mãe a acalotá-lo, a embalá-lo e mostrar que tudo acabaria bem, durante a noite ouvira o choro das crianças, a fome as consumia mais do que o cansaço da longa jornada, fora uma noite difícil, o dia raiou, tomaram o rumo e saíram daquele lugar em busca de esperança de dias melhores.

Algumas crianças se recusaram a andar, então os menores foram carregadas e outras seguram as saias das mães e às calças dos pais para seguir adiante. O menino já estava sem farinha e rapadura comera o último bocado e sabia que, boa parte deles também estava sem ter o que comer. Seguem em frente sentindo as roupas e as carnes serem rasgadas por espinhos da caatinga que atravessavam em silêncio, sem reclamar, sem ouvir a criançada correr, gemer, murmurar, elas estavam sedentas e com muita fome e o último fio de energia se esgotara por falta de alimentos para preencher a barriga que roncava em um grande lamento. Entre os retirantes encontra-se Chico Cego que se aproxima de Justino e pergunta se ele não gostaria de fazer o papel de seus olhos, porque assim, como o menino ele, também, era sozinho e precisava de um companheiro para viagem que pudesse estar nas feiras, nos locais onde o povo gosta de ouvir uma modinha de viola para matar a saudade da sua terra, dos pais de um amor enfim os dois trabalhariam juntos; repartiriam o que ganhassem e estariam juntos na alegria e na tristeza e não seriam mais tão sozinhos.

Chico Cego caminhava com dificuldade, tropeçava pela estrada afora levando nas costas a sua viola gasta pelo tempo, amiga e ganha pão inseparável, estava sempre presa ao pescoço por um cordel levava em uma das mãos um porrete para se apoiar e na outra mão uma trouxinha contendo seus poucos pertences. O cego possuía os olhos mochos cobertos por uma pele enrugada e pitava seu cachimbo de barro enquanto, aflito, esperava a resposta de Justino que se sente penalizado com a cena e resolve ajudar o cego afinal, ele também estava sozinho e precisava de ajuda, Chico Cego apoia-se em Justino e segue em frente agora não tão trôpego, não mais sozinho. Justino questiona Chico Cego em relação ao lugar que ele pretende ir levando o amigo e agora companheiro de viagem e este

informa que será para a cidade de São Francisco de Canindé um lugar com muitas casas, com muitas pessoas indo e vindo da feira, lugar muito alegre e que possui uma variedade de alimentos para se comprar e vender, tudo muito diferente do lugar de onde veio o menino.

Amanhece e as crianças choram (dormiram com fome) os homens saem à procura de água e quando retornam trazem as cabaças cheias de um líquido barrento, que ao ser misturado com rapadura e farinha, é dado para ludibriar a fome das crianças que atacam as cuias com avidez. Sentado a observar as crianças Chico Cego conta que chegou a ver a luz do sol, as flores e que só perdeu a visão com dez anos de idade devido a uma doença e com isso ele se isolou do mundo não queria ver ninguém nem fazer mais nada. Certo dia apareceu por aquelas bandas um cego cantador que ao saber da sua história quis logo conhecê-lo e toda noite ele colocava a violinha para tocar e as moças e rapazes saíam a bailar no terreiro. Ao ver a tristeza de Chico o cego decide ensiná-lo a tocar viola, Chico aprendeu logo porque acreditava que o cego tem a vista no dedo então seria fácil dedilhar. O cego partiu deixando no lugar de um menino triste uma pessoa que encontrou sua identidade cultural, agora sabia o que poderia fazer para sobreviver, já alegrava a noite de todos que ali se reuniam, só deixando aquele lugar após a morte dos pais para viver outras aventuras e desventuras, vai saber ao certo.

Certo dia, durante a viagem, um dos homens conseguiu matar um tatu, no entanto todos já estavam tão fracos e com o organismo acostumado a ficar vazio que provocou contrações terríveis, fazendo com que em vez de forte ficassem mais fracos e não agentassem nem carregar o peso do próprio corpo. Vendo isso Chico Cego comenta que já viu situações piores, certa feita o inverno começou em abril e todo o gado morreu, os donos da terra ficaram loucos, tamanho era o prejuízo. Quando um animal caía ninguém conseguia levantar, soltava um berro tremendo e morria ali mesmo. Não sobrara um pau de mandioca sequer nem água nas cacimbas tudo era cinza, fome e sede. A morte era anunciada em toda região, em todo lugar daquele sertão ingrato que maltrata seus filhos de raiz deixando todos a perecer, sertão bravo que vivia a judiar do pobre que sem pouso andava a vagar sem nunca encontrar o seu lugar.

O caminho parecia que não teria um final, todos os dias paravam, o cego tocava para aplacar a tristeza de todos e partiam novamente, passaram por muitas terras, no entanto, os proprietários não os deixavam ficar com medo que os

retirantes invadissem as suas propriedades e não quisessem mais sair dali. As crianças gemiam, choravam e, às vezes, calavam-se tal era a exaustão, a fome e dor que sentiam nos seus corpos esqueléticos e consumidos pela necessidade extrema de cuidados. Durante a noite, Justino sonhava com os pais, via sua mãe a orar, o papagaio a falar e Pitó, preguiçosamente, a se esfregar tentando tirar as pulgas que estão em seu corpo, enquanto seu pai observa o horizonte, tudo igual como era antes, porque tudo teve que mudar tão rápido. Ao acordar chora baixinho, não quer que ninguém veja o seu sofrimento, a sua angústia, a sua dor que parecia nunca ter fim.

Finalmente chegaram ao campo de Croibero, lugar que dava abrigo aos retirantes. Ao longe poderiam divisar algumas choças de pau a pique e sapé e estacas para armarem suas redes e água à vontade para suprir as necessidades, os mantimentos também eram fornecidos pela Saúde Pública que mantinha essas pessoas por três dias para exames médicos e tratamento de doenças provenientes da falta de água, alimentos e higiene devido a carência desses recursos durante a viagem. Essa era a forma que o governo usava para prevenir as cidades não deixando que os doentes seguissem viagem antes de fazer o tratamento, caso fosse necessário. Para o retirante que se via privado de tudo esse campo era uma verdadeira benção nele poderiam tomar banho, se alimentar e recuperar a dignidade. Pena que isso não solucionava o problema, porque em pouco tempo estariam novamente na estrada sem rumo, sem pouso com um futuro incerto pela frente sem saber se iria sobreviver àquela caminhada e aonde ela os levaria.

Chico Cego e o menino decidem passar direto e ir para a cidade deixando para trás os companheiros de luta e sofrimento. Eles vão a procura de novos sonhos, caminham bastante sob o sol forte, Justino está indo em busca de um futuro e a saudade dos pais é intensa, chega a sentir o cheiro do café da mãe a penetrar em suas narinas anunciando o carinho e o zelo de todos os dias, podia ver o pai na lida da roça a ensiná-lo com suas palavras, enquanto Pitó corria alegre entre eles. Chegam ao vilarejo e o garoto percebe alguns animais em volta, casinhas simples formam o cenário daquele lugar que mais parece a sua casa do sítio onde morava, de passo em passo vão surgindo diante do menino casas grandes que parecem tomar todo o espaço daquele lugar, o estômago começa a reclamar causando tontura e dor de cabeça pela fome guardada há tanto tempo que parece já ser uma companheira de viagem.

Chico Cego começa a sentir cheiro de festa no ar, um passante confirma que é festa de São José e que por nove dias haverá comemorações, pois é o santo de devoção do lugar e seria muito bom um violeiro para animar os dias festivos, diz que o povo faz novena para chover porque a água já esta escassa naquele lugar e é preciso apelar para o santo protetor para que as nuvens desaguem, invadindo assim a terra impedindo que a seca possa alcança-los. Os dois se encaminham para a feira lugar onde a violinha deve gemer anunciando que ali tem um cantador pra distrair o povo e fazê-los lembrar de um amor, uma saudade, a casa que está distante e até mesmo se alegrar com o ritmo dançante que também irá tocar. E o resultado será que terão no meio de tanta fartura, condições de comprar algum alimento para matar a fome que insistentemente continuava presente.

Chico Cego se acomoda na entrada da feira onde o movimento é maior, está muito contente, pois sabe que logo poderá comprar um pedaço de carne-seca e rapadura para ele e o menino, por isso, prepara a viola, afina as cordas se acomoda e começa a tocar com sua voz triste, a cuia de coco no chão a esperar qualquer esmola dos passantes que gostarem de sua canção.

Pela vontade divina,
tive a sina
de nascer na escuridão!

Mas se Deus, que eu não renego,
fez-me cego,
pôs-me um sol no coração.

Se pelas mãos tu me levas,
eu, nas trevas,
mais feliz do que os ateus
tendo a fé, que me alumia
e que me guia,
vejo a ti e vejo a Deus.

Quando eu ouço a tua fala,
que me embala
que me faz em Deus pensar
sinto n'alma a claridade
da saudade
de uma noite de luar!

Cego, surdo, mudo, em vida
ó Querida,
eu quisera ser, porque
só o cego, surdo e mudo
é que vê tudo
o que vê tudo e não vê!

Esta noite, com meu pranto
 eu roguei tanto,
 supliquei tanto a Jesus,
 que, depois de um sono brando,
 eu vi, sonhando,
 todo o céu cheio de luz.

É bem justo que eu consagre
 este milagre,
 que dos olhos faz descrer:

Quando alguém quer ver o mundo
 o que é profundo,
 fecha os olhos para ver. (Mott, 2012, p. 36-37)

O que me faz inferir sobre o diálogo existente no texto é a Fé demonstrada por Chico Cego, que apesar de ser privado de ver as belezas do mundo através do seu olhar não questiona o querer de Deus e encara a escuridão como uma forma diferenciada de enxergar através dos olhos do coração. Para ele ter alguém que possa guiá-lo é uma dádiva divina que deve ser valorizada. Ainda de acordo com Chico Cego, o que realmente tem importância na vida, não é preciso ser visível a olho nu e sim sentido através das emoções que iluminam nosso ser. Com a canção podemos perceber que, apesar de cego, o companheiro de Justino conseguia enxergar as coisas belas e boas do mundo e que na escuridão sentia os cheiros, os gostos e sabia reconhecer a bondade das pessoas, porque conseguia enxergar através do coração como fizera com Justino, e agora possuía um amigo de verdade em quem poderia confiar seria seus olhos e seu guia nessa vida, enquanto juntos estivessem um seria a família do outro, ajudando protegendo e livrando do perigo.

Justino do seu lado olha tudo ao redor abobalhado com a quantidade de pessoas a passar por eles e a visão dos alimentos coloridos que enfeitavam a feira como se estivesse em um imenso pomar, frutas de todas as cores e formas deixavam aquele lugar perfeito, nunca antes vira algo assim, seria mesmo real estava encantado com tanta fartura e diversidade de alimentos expostos nos jiraus, tabuleiros ou no chão. Percebia ao redor a fartura que antes nunca teve condições de presenciar, por todos os lados, dava para ver: sacos de farinha, amendoim, mandioca e tantas outras gostosuras que ele nem sonhava que existissem, a fome de doze anos de carência parecia agora está refletida em seus olhos e respondia no seu estômago que se contorcia como se um buraco profundo pudesse tragá-lo transformando-o no próprio alimento. Enquanto isso, crianças com uniformes e outras sujas, esfarrapadas com a aparência de fome, miséria e abandono

observavam o cego a cantar, pessoas passam de um lado para outro no corre-corre matinal da feira que acelera o relógio do tempo, fazendo as horas passar e a fome de Justino e Pitó se acentuar mais intensamente naquelas barrigas vazias carentes de alimentação a ponto de não perceberem as moedas que algumas pessoas depositavam na cuia.

Chega a hora da alimentação e o menino é chamado para contar o dinheiro que ele nunca aprendeu a decifrar, Chico Cego tem pena do menino que naquele momento não conseguia enxergar porque não possuía os olhos do saber, dos códigos que esse mundo nos apresenta, através do ato de ler ou vivenciar situações rotineiras que nos fazem aprender. Após comerem carne assada com farinha e beberem água, Justino lava o rosto para passar o mal estar e saem à procura de um pouso para se abrigarem durante a noite, caminham enquanto o sol forte ainda queima a pele em direção à ponte que abriga sempre quem não tem onde ficar. A cidade que antes parecia que tudo era vivo e se movia estava agora silenciosa com suas janelas e portas fechadas anunciando a chegada da noite com seus mistérios, foram deixando para trás as casas, as pessoas, a feira com sua alegria, passaram pelos barracos chegando à ponte onde hoje passa por baixo um lençol vermelho lamacento no lugar do rio de águas cristalinas, que em outros tempos embelezava a paisagem e beneficiava toda a população.

Chico Cego começa a perceber a proximidade da ponte devido à umidade do ar, sente falta do barulho das águas a descer rio abaixo, por causa da seca que desaparece com a água deixando no lugar lama e cheiro de morte. Pede a Justino que o conduza para um lugar limpo, embaixo da ponte, enquanto isso Pitó já se misturava com a lama, latindo feliz, ao sentir o frescor no seu pelo esturricado pelo sol, a pedido de Chico o menino fez um pocinho para guardar água e aproveita para comer um punhado de barro, lembrança de casa, o cego o repreende porque já foi criança e também já experimentou e a sensação de estômago pesado não faz bem. Ajeitaram-se cada um em sua rede, amanhã será um novo dia (pensa Chico), haverá mais chance de conseguir alimentos para aos poucos ir matando a fome que foi muito longa e sofrida.

Amanhece e Justino acorda com uma sensação boa, sabe que não haverá mais estradas para trilhar, sede, fome constante e a caatinga sem fim para atravessar, espreguiça-se bastante e lembra-se da feira, de sua fartura, comida para todos os lados enquanto que na caatinga só fome e miséria preenchem as estradas

do sertão. Nessa seca sem fim, Justino questiona no seu pensar, porque alguns lugares fartura para todo lado e em outros a fome é tanta que as pessoas esquecem como sorrir, como viver e são transformados em meros fantasmas ossudos vagando pela solidão do sertão. Levanta e olha para Pitó que está tão satisfeito quanto ele de pança cheia e a certeza que não mais faltará, porque agora tinha um amigo que olhava por ele e com sua viola a tocar, um ajudando o outro, a vida ia melhorar não mais sentiria a barriga roncar e aquela sensação que iria colar nas costas e transformar-se em um só lado.

Os três seguem o caminho da feira, que já acordara como se fosse uma jovem moça alegre e festiva, cheia de vida, cores e aromas diversos que embriagavam a todos e era uma oportunidade de colocar a viola para cantar triste ou alegre sempre ia agradar e Chico sabendo disso queria logo aproveitar para melhorar a alimentação do menino que precisava repor as carnes do corpo que a ingrata da seca se responsabilizou de tirar. Eles estavam unidos por um forte laço de amizade, Justino era o olho dele, no entanto, em algumas situações os papéis se inverteram, porque apesar de ver o mundo era através dos olhos que não veem que Justino conseguia entender algumas questões que estava longe de aprender.

O tempo passou e na manhã da romaria o menino recebe o dinheiro para, sozinho, comprar os alimentos necessários para alimentar os dois e o cachorrinho, fica inseguro não conhece dinheiro, sente medo de errar, começa a rodar a feira sem rumo enquanto Chico dedilha a viola, encontra um homem parecido com seu pai, pede farinha, carne e banana enquanto o vendedor vira-se para pegar a encomenda chega um rapaz e consegue roubar-lhe o dinheiro deixando-o caído no chão a chorar. Nesse momento, Justino encontra-se de frente com a pessoa que será a responsável pela mudança total do seu futuro. Dona Severina mulher forte e guerreira dona de uma pensão que vê no menino Justino alguém que poderá ajudá-la a carregar as sacolas que já estão bastante pesadas, não possui mais aquele vigor da juventude, fica cansada mais rápido e precisa ter cuidado com a saúde, não sabendo ela, no entanto, que o laço que irá uni-los será sólido e duradouro.

O menino chora sem parar e Dona Severina convence-o a levar sua cesta até a pensão que lá ela lhe dará dinheiro e alimento. Levanta-se, enxuga as lágrimas e vai ao encontro de Chico para avisá-lo que irá ajudar aquela senhora. O amigo já estava preocupado com ele e fica mais tranquilo quando sabe que ele vai com Dona Severina. Os dois, juntamente com Pitó, seguem para a feira para terminar as

compras da Senhora e depois seguem para a pensão. A pensão possuía um quintal com vários pés de caju e outras frutas, que sombreavam o ambiente dando um aspecto fresco e acolhedor, alguns cachorros e gatos foram encontrá-los no portão, Pitó latia assustado. A Dona da pensão empurrou a porta dos fundos e começou a soprar o fogo de lenha com força porque este já estava quase apagado.

Ela Possuía um jeito maternal, feliz que encantava Justino, e este ficava a observá-la enquanto ela coloca o feijão e a farinha na panela para esquentar. Tinha quarenta anos era baixinha, gorda com os cabelos lisos e pretos presos em um coque e era tão bondosa que todos os pensionistas a consideravam como mãe. Chegara ainda criança na vila com os pais que fugiam da seca e ali já morava há trinta anos vivia só com seus bichos a cuidar do quintal. Até que um dia o filho de um parente pediu para passar uns tempos lá para fazer um tratamento médico, a partir daí novas pessoas foram surgindo até transformar-se na pensão de dona Severina. Lugar que ficou conhecido por todos em Croibero pela comida simples e saborosa, casa limpa, chá para curar as dores e um carinho de mãe para acalantar a saudade de quem está longe de casa.

Dona Severina coloca o virado de feijão que preparara juntamente com um pedaço de carne e uma caneca de café para Justino comer ele nem acredita no que está vendo, tudo aquilo em uma única refeição, estaria sonhando, se assim o fosse não gostaria de acordar, começa a comer devagar mais depois devora com rapidez todo o virado, deixando a carne para levar para Chico Cego, nesse momento a senhora percebe e manda que ele coma porque o cego, também, receberá o seu bocado de virado e carne seca. Pitó satisfeito com o mingau de fubá pulava de um lado para outro feliz, seguiram adiante até encontrar o cego que agradece a Deus por ter encontrado alguém tão bondoso como Dona Severina, mulher de valor e coração grande, comentava enquanto saboreava o gosto do virado que despertava lembranças que jamais voltarão.

Os dias passam e cada vez mais aquela senhora precisava da ajuda do menino e também se afeiçoara a ele, tão novo e sozinho no mundo, o que seria de Justino quando partisse de Croibero. Admirava muito a amizade dele com Chico Cego, era um menino de bom coração precisava fazer alguma coisa por ele e aquela ideia foi tomando fôlego e sufocando Dona Severina que sabia que não poderia demorar mais para tomar uma atitude. Logo viria a enchente que já anunciava e toda ponte seria inundada, às vezes era tão violenta que levava tudo que encontrava pela

frente. Justino agora andava arrumado de roupa limpa e com a sandália de couro cru feita pelo pai, estava radiantemente feliz passava os dias com Dona Severina e a tardinha se encontrava com Chico Cego para irem dormir embaixo da ponte olhando as estrelas e lembrando da mãe e dos seus ensinamentos.

Dona Severina a cada dia que passava estava mais triste, não cantava mais, não dava a mesma atenção que antes, os pensionistas estavam todos preocupados com ela e escolhem Nhô Lau que é meio aparentado para descobrir e ela confessa que o problema é a situação de Justino e quer ajudá-lo e fala dos seus planos de cobrir a casinha dos fundos para os dois morarem solucionando assim o problema, espera ansiosa o dia amanhecer para falar com Chico Cego. Só que há algum tempo uma ideia já amadurecera na cabeça de Chico Cego, devido aos burburinhos que corriam por toda feira e região, como padrinho Cicero, outro padrinho surgiu que agora fazia milagres curava cegos, paralíticos. O sofrimento dos retirantes era tamanho que qualquer centelha de fé, de crença seria capaz de levá-los a qualquer lugar tamanho era o desespero e abandono em que viviam.

Atrás de notícias reais Chico conheceu um retirante que lhe falou da veracidade dos fatos e que ele juntamente com o povo que o seguia estava à procura da terra prometida onde teria comida farta, água em abundância e o sol não castigaria tanto o povo sofredor. Com isso instalou-se uma febre de procura que os retirantes não paravam mais em lugar algum só iam à direção do suposto beato. Justino não compreendia a tristeza do amigo ao voltar para o seu refúgio na ponte, Estava feliz, aprendera tanta coisa desde que chegou à cidade já reconhecia dinheiro, sabia contar, escolher direito os alimentos, dar recados e quando aprendesse a ler sabia que poderia fazer muito mais por Dona Severina. Nesse momento, Chico pergunta sobre o beato e conta tudo que ficou sabendo, vão dormir pensando sobre o assunto.

Ao amanhecer Dona Severina cria coragem e conversa com Chico Cego que mente e diz que iria embora sozinho porque menino só atrapalha, ele prefere deixar o menino, o companheiro de viagem, quase filho, não era justo leva-lo, era franzino e já sofrera muito, merecia ficar com alguém que gostava dele e sabia que ele não mais passaria fome e necessidades, agradece a oferta de os dois morarem na casa da bondosa Senhora, partiria sem avisar Justino, do jeito que era o menino ele não iria abandonar o amigo e entraria nessa aventura junto com ele e o resultado só Deus saberia. Dona Severina vai embora deixando Chico com sua dor, agora sim

estava sozinho no mundo, para sempre, nada mais restava para ele só a dor e a companhia de sua violinha que nunca o deixaria, não consegue cantar, sua garganta trava tal qual é a dor que dilacera seu coração agora sim estava cego para sempre porque tivera um tesouro que encheu sua vida de luz e agora se apagaria e viveria nas trevas da escuridão.

O cego partiu e deixa Justino muito triste, como ele pode deixá-lo para trás, abandoná-lo neste mundo sozinho, sentia-se preso ao chão, tudo ao seu redor fora destruído, tinha a impressão que tudo de ruim acontecera ao mesmo tempo o sol abrasador queimara tudo, o gado não aguentou e morreu, a água do rio secou e ele outra vez ficou completamente sozinho. Pensa no Cego por esse mundo sem ter alguém que o acompanhe que o ajude e mergulha em uma dor profunda que só o tempo será capaz de aplacar. Os dias passam e com ele suas dores, Justino começa a ficar mais tranquilo e nas novidades e repetições que ocorrem todos os dias o menino vai encontrando seu lugar e sua paz é restaurada. O tempo transcorre o seu curso normal, hóspedes chegam e vão embora, chove, faz sol forte, seca e Pitó sempre alegre a correr livre e feliz. Com a chuva forte, como preverá Dona Severina, a ponte não resistiu e foi levada pela enchente a terra foi lavada e surgiu o mato verde, Justino ao observá-la lembra de Chico Cego, onde andaré meu amigo, o que estará fazendo nesse momento e uma pequena nuvem passa no seu olhar.

Quando tudo muda e parece voltar ao normal os retirantes criam alma nova, querem recomeçar, boa parte deles voltam á procura de suas terras, das terras que abandonou para fugir da seca e da morte. Muitos estavam trabalhando e outros partiram para longe e não tinham como voltar. Os que estavam perto viam a esperança brotar novamente e faziam o caminho de volta, desta vez, com mais esperança, estavam voltando para casa; sabiam que encontrariam tudo destruído pelo sol e pelas chuvas só que agora as pastagens estavam verdes e tinham uma chance de recomeçar onde nasceram, cresceram, casaram e criaram raízes profundas que nem mesmo a seca, e a força das águas, depois, são capazes de arrancar.

Justino quando está na feira pergunta aos retirantes se viram um cego cantador, mas os dias transcorrem sem nenhuma novidade. O tempo continuou o seu curso normal, o ano novo chegou, nenhuma notícia do amigo isso o inquietava tanto quanto não saber ler, olhava as crianças passarem com seus uniformes, ficava a ouvi-los cantar, lembrando-se do pai que dizia sempre que gostaria que seu filho

aprendesse a ler e a escrever para não ser ignorante como ele e ter outras oportunidades na vida. Enquanto que a mãe comentava que quem não sabe ler e escrever é cego de olhos bons. O menino passava os dias e as noites a pensar, o que faria para entrar na escola e aprender a ler e a escrever. Pensava em Chico Cego sabia que ele resolveria essa questão rapidamente, mas ele não estava ali e não tinha coragem de falar com Dona Severina. Ensaçou, por muitos dias, finalmente tomou coragem e foi aplaudido por ela que chegou a conclusão que já deveria ter visto isso para ele.

No dia seguinte de cabelo cortado e escovado, lá estava Justino a observar, na porta da escola, indeciso sem saber se entrava ou não, quando uma força maior o leva para dentro. Um Senhor o observa e pergunta o que gostaria Justino, tímido, não sabe o que dizer o senhor já vira aquela sena várias vezes e pergunta se ele quer aprender a ler e escrever, envergonhado, de cabeça baixa, responde que sim e fica acertado para começar no dia primeiro de fevereiro à noite, avisa que terá de trazer lápis e caderno e que a cartilha será cedida pela escola, o estudo será gratuito.

Agora estudava sem parar queria aprender tudo o mais rápido possível tinha urgência em descobrir o segredo das palavras que pulavam das folhas do caderno, como figurinhas coloridas a dar um novo sentido para sua vida. Estava aprendendo muito, por isso possuía assunto para conversar com os pensionistas, trocar ideias, prestava sempre atenção aos noticiários do rádio para ficar a par das notícias, lia tudo que achava, a febre da leitura o contaminara e esse mundo começou a se mostrar diante de Justino como possibilidades de transformação de vida. Os hóspedes ajudavam o menino principalmente um professor aposentado que sempre estava tirando suas dúvidas. Os meses foram passando e quando chegou o mês de julho ele já estava alfabetizado.

Três anos se passaram Justino, agora, com dezesseis anos, vivendo a adolescência, forte, decidido, estudioso com uma meta a seguir e alcançar, para isso não media esforços nos estudos, concluiu o curso primário fazendo o terceiro e quarto ano num só. Ele deseja continuar os estudos, mas em Croibero não era possível por não ter escola para isso. Dona Severina vivia tranquila, porque Justino ajudava em tudo, sempre estava a consultá-lo e por amor a ela, cada dia, se dedicava mais ao trabalho da pensão. Nos horários livres, estava sempre com um

livro novo em mãos sua sede de aprender era insaciável, através da leitura conhecia um mundo novo que significava sua vida, sua existência.

Apesar dos anos terem passado não esqueceu o amigo e estava sempre a procurar notícias dele nas feiras junto com os retirantes que resolveram voltar para suas terras depois da chuva que molhou o sertão e devolveu o verde da vida para aquela região. Não sabendo ele que Chico Cego cumpria a sua sina de viver sozinho nessa terra, tudo fora em vão deixara a luz que surgiu em sua vida, após a escuridão, se perder em uma ilusão, agora estava longe e sozinho a chorar a sua dor. Sentado em volta com livros Justino estudava muito porque um dia seria um médico que cuidaria das crianças do Nordeste, em seu pensamento criava estratégias que iriam modificar o Nordeste para não ter que ver mais crianças magras, famintas, cheias de vermes a chorar por um pouco de comida. Mas era um jovem pobre, sem recursos e lá não existia ginásio para continuar seus estudos, não poderia deixar Dona Severina, porque esta já fazia parte de sua vida e jamais a abandonaria.

Os milagres acontecem quando menos esperamos. Nessa época apareceu o irmão de Dona Severina que ficara viúvo com quatro filhas menores de dez anos e precisava da irmã para cuidar das crianças e viera apelar para seu bom coração, precisava dela para poder trabalhar e não daria a ninguém seus filhos, porque (como ele mesmo dizia) filho não se separa. Ela teria que vender a pensão e ir com Justino para a cidade de Canindé lá todos morariam juntos. Para Dona Severina aquilo seria impossível porque ela possuía sua vida organizada em Croibero e não pretendia se mudar. Mas a saudade da afilhada apertava e ela tinha um bom coração. Começou a pensar e lembrou que Justino gostaria de continuar os estudos e lá ele poderia realizar seus sonhos. Estava decidido entregaria a pensão para Nhô “Lau”, vendê-la e iria imediatamente com Justino para Canindé tomar conta das crianças e realizar o sonho do menino que era como um filho para ela.

Cidade nova, novos caminhos a percorrer, novos desafios que serão enfrentados com muita coragem. O menino se lembra da sua primeira partida, não era ninguém, só um vulto solitário, vagando pelo sertão, sem rumo certo, porém com muita sorte, pois encontrara pessoas boas que com suas ações mudaram seu destino para sempre. Observa durante a viagem árvores retorcidas, terra rachada pelo calor escaldante do sol, marcas da seca que deixa no interior do retirante sua presença e gosto de poeira seca que invadem os pulmões tomando o fôlego e

avisando que não é fácil esquecer as noites no relento, os dias a queimar a pele como chama incandescente, o clamor das crianças ao sentirem a fome roer na barriga cheia de vermes a consumir suas entranhas pela carência de alimentos e água que venha tirar o sertanejo daquele labor.

O menino usa a viagem para refletir sobre como fizera várias leituras durante os últimos quatro anos, lia com a mesma urgência que se alimentava quando estava com os retirantes a caminhar, parecia sempre que seria a última refeição a fazer na vida dava a impressão que se ela não fosse engolida com rapidez poderia desaparecer tal era a urgência da fome. Só que hoje “Graças a Deus”, a fome era de conhecimento, quanto mais lia menos ficava saciado, precisava conhecer muito para poder ajudar o povo do Sertão e descobrir os caminhos para onde nos leva esse mundo maravilhoso do saber.

Descarregada a mudança na “Pensão do seu Dito”, o caminhão parte para seu destino deixando Dona Severina sem saber bem por onde começar dá ordens ao menino depois desdiz, devido ao cansaço e falta de conhecimento total da casa, que será o lar de todos eles, daquele dia em diante. Seguindo o pedido de Dito todos vão para a mesa tomar café e depois descansar. Com certeza a vida tomará o seu curso natural e em pouco tempo todos já estarão acostumados com a nova rotina. Ao saber que a pensão tinha uma nova cozinheira e que a comida era muito boa atraiu muitas pessoas da cidade e de outros lugares que estavam de passagem, o movimento era intenso e a cada dia o sucesso aumentava. Dona Severina vivia feliz ao servir a família e as pessoas que passavam por lá. A cada dia Justino era mais requisitado fazia de um tudo tinha múltiplas atividades e dava conta de todas elas. Era preciso ter mais atenção, inteligência e presteza naquela cidade grande e movimentada.

Justino estava sempre atento às conversas das pessoas que frequentavam a pensão porque elas falavam de dinheiro, açúcar, política, seca e outros assuntos do momento vivido, naquela época, que eram importantes a título de informação. Queria sempre participar e aprender coisas novas para se livrar da timidez, ter argumento nas conversas para criar uma base de conhecimento que só se adquire através da leitura e aprendizagem de vida. Aos domingos, após servir o almoço, gostava de nadar no rio que passava pela cidade e levava as crianças com ele, brincava com elas e também ensinava coisas que aprendera com seus pais. A vida passava e Justino cada dia fortalecia seus sonhos, lia muito quando tinha tempo,

amadurecendo assim suas ideias até o dia que voltaria novamente a estudar. Fez amizade com um rapaz que estava no ginásio e este lhe emprestara livros do primeiro ano para que ele tivesse condições de se preparar para voltar às aulas.

Conhecera na pensão um sociólogo o professor Luís que conversava muito com ele, falando das suas pesquisas, a cada dia ele aprendia a questionar alguma coisa, com ele entendeu que deveria estudar e depois ficar no Nordeste para ajudar o povo sofrido a ter uma vida melhor. Dona Severina vendo o esforço do menino avisa que ele irá estudar, porque merece, é muito bom e trabalhador e precisa terminar os estudos, o menino fica emocionado e feliz por ter alguém que como uma mãe faz tudo por ele. No dia seguinte, a noite, lá estava ele arrumado a capricho para ir à escola, pede a benção a Dona Severina que o entrega ao Bom Jesus, ele seguiu adiante; vai estudar; realizar mais uma etapa da vida escolar, começando pela casa do professor Luís que apresenta vários livros, olha tudo com surpresa, não seria capaz de imaginar que existissem tantos livros assim em um mesmo lugar, passeia os olhos com fome e sede de saber. Professor Luís separou livros e revistas para que ele fizesse a leitura e marcasse os pontos não entendidos para discussão aos domingos.

O menino estudou bastante e conseguiu ser matriculado no primeiro ano, foi difícil, porque as matérias não eram fáceis, mesmo com dificuldade e muito esforço lá estava ele, sentado em busca dos ensinamentos depois de um dia de trabalho. Na sala encontrou outros adultos com os mesmos problemas vividos por ele, diariamente, mesmo assim sentia-se estimulado e feliz na jornada que resolveu seguir. O amigo Luís voltara e Justino estava cheio de perguntas e preocupações, o curso era difícil, justamente, pela falta de base no primário, este promete ajuda-lo. Nesse meio tempo, Justino passou pelo teste vocacional e ficou claro sua aptidão pelo curso de Medicina, principalmente, porque essa é a sua vontade e ela conta muito assim diz à psicóloga que fez o teste.

Justino deixara de ser menino para se transformar em um rapaz trabalhador, com iniciativas próprias, altivez e sabedoria, braço direito de Severina e Dário na pensão, além disso, muito querido e respeitado por todos. Ao saber pelo professor Luís que teria chance de terminar o ginásio mais rápido para ingressar na Faculdade mais cedo, ficou radiante, era muito esforçado e iria estudar bastante para alcançar seus objetivos. Lia muito e quando surgia alguma questão em relação ao sertão queria respostas para suas indagações e estas vinham na fala do

professor Luís que fazia questão de ajudá-lo, porque segundo ele tudo que fazemos para o outro volta em recompensa para nós. Ao ser questionado em relação ao seu gosto pela leitura respondia sempre que a gente não se cansa de hábitos e necessidades como respirar, beber água, comer, dormir e muitas outras coisas para ele a leitura era uma necessidade diária como qualquer outra.

Em um ano e meio de estudo o curso de Justino chegou ao final, já era hora de começar uma nova etapa, a turma estava elétrica com a festa e as comemorações, por sua facilidade em se expressar e ter mais contato com a leitura ele foi escolhido por todos para ser o orador da turma e comunicou isso a Dona Severina entre gargalhadas. Pitó ao sentir a euforia de Justino começa a brincar sacudindo o rabo como fazia antigamente para brindar a alegria do seu dono. Os hóspedes fixos da pensão deram o terno de Justino que recebeu emocionado e feliz por saber que não tinha família de sangue ali, no entanto, possuía família de coração em cada um dos amigos que estimava e poderia sempre contar.

Todos os amigos marcaram presença na entrega do diploma. O diretor contou um pouco da história de Justino para representar todo Nordeste que sai sem rumo fugindo da seca e da fome e na maioria das vezes não encontram as Donas Severina deste mundo que estão prontas para ajudar a transformar a vida de um menino nordestino que perece. É assim que Justino clama em seu discurso:

Somos um povo sofrido, experimentado pela dor, porém, não fraco, não covarde. Venceremos, e um dia não longe, ao estendermos a vista por estas terras, anteriormente agrestes, por caatingas e sertões, veremos esta mesma terra a dar frutos copiosos. O homem plantará, sim, com o suor do próprio rosto, mas comerá o pão de cada dia e o terá para dar aos filhos... (MOTT, 2012, p. 139)

Pelas palavras proferidas no calor da emoção, percebe-se que apesar de existirem muitos Justinos mundo a fora nem todos possuem a coragem e a determinação dele, que soube fazer das adversidades da vida caminhos para transformar o futuro. Todos fazem silêncio enquanto Justino começa a transmitir tudo que ele e seus colegas possuíam guardado no peito, fala para um povo lutador que não se esconde, enfrenta, luta, vai em frente, quebram barreiras intransponíveis, mulheres e homens simples que possuíam direitos. Naquele momento Justino defende a voz do povo que grita por melhores condições de vida.

5. MARCAS DE EDUCAÇÃO E RESILIÊNCIA NA OBRA JUSTINO, O RETIRANTE DE ODETE DE BARROS MOTT

Como falar de Justino sem fazer associação com a vida da autora desse trabalho. Duas histórias uma fala do sofrimento do sertanejo na figura de Justino, o retirante, que simboliza todo povo nordestino que se vê afastado da sua moradia por conta da seca que queima a terra, seca os rios, os açudes, mata os animais, transforma crianças e adultos em seres esqueléticos, famintos, que se veem forçados a saírem de suas casas para procurar pouso em outro lugar, tiram força para lutar e nunca desistir. A outra real fala da luta de uma mulher que passou por muitos sofrimentos, mas que nunca desistiu de lutar por seus cinco filhos perdeu muitas vezes, mas ganhou outras e nunca desistiu.

Viveu uma enchente que destruiu tudo que tinha programado para o futuro, passou por privações, foi obrigada a deixar seu lar e vê-lo sendo destruído por tratores em prol do “progresso”, e mesmo assim se fez firme e continuou a lutar pela educação de todos não importando o quanto teria de trabalhar para alcançar seus objetivos. Enquanto Justino também não desistiu de sonhar saindo do lugar onde perdera os pais e seguiu em diante sem olhar para trás, encontrando no caminho pessoas como Chico Cego que foi a primeira luz a acender a esperança de futuro e depois Dona Severina que, também, como a mãe da autora teve que renunciar. Dona Severina em prol de Justino e seu irmão vendeu tudo que tinha e foi morar em outro lugar, depois de uma vida morando em croibero, para que Justino continuasse seus estudos e ela ficasse cuidando das quatro filhas do irmão que ficara viúvo. Demonstrando que para ela o afeto era mais importante do que as raízes que plantara onde morou por muitos anos.

A mãe da autora, para ver os filhos estudando e tendo uma perspectiva favorável de futuro desistiu de estar sempre onde o marido estivesse, porque o trabalho dele necessitava estar sempre mudando de cidade, impossibilitando com isso que suas filhas pudessem cursar o magistério, sonho por ela tão estimado e priorizado durante sua vida, escolha difícil, porém necessária para que seus filhos tivessem um futuro mais digno com mais oportunidades de ingressarem no mercado de trabalho, tornando com isso cidadãos ativos e formadores de opinião. Duas histórias que se cruzam, por tratarem de pessoas que souberam vencer os obstáculos que a vida impõe para mudar a situação em que estão vivenciando.

Justino, o retirante que representa todo menino pobre que descobre no saber o caminho para uma vida melhor e são capazes de enfrentar fome, frio, sede, falta de dinheiro na busca da qualificação profissional, como foi o caso do personagem criado por Odette de Barros Mott que veio do abandono e da solidão e lutou na pretensão de ser um futuro médico. E para que isso acontecesse, ele não olhou para suas limitações e sim lutou contra elas, através do estudo constante, na busca incessante do saber. A mãe da autora que não teve a oportunidade de ter uma escolaridade completa, mas conseguiu, através de seus ensinamentos, mostrar aos filhos que o caminho para uma vida melhor só é viável através da educação e do conhecimento que deve ser buscado e apreendido pela própria pessoa em uma busca coletiva e individual constante.

A resiliência não é um atributo que nasce com o sujeito, mas sim uma qualidade que nasce da relação da pessoa com o meio em que ela vive; e que pode fortalecê-la para superar as dificuldades e violências vividas desta forma, a resiliência pode ser trabalhada e estimulada por qualquer grupo social ou instituição escolar, comunidades, profissionais, famílias. (Assis, 2005, p. 7).

Pessoas resilientes que souberam transformar situações adversas, em favoráveis, contribuindo para a sua transformação bem como para a mudança do outro através da educação.

Na obra de Mott se faz notório as marcas da educação e da resiliência, pois a autora sempre demonstrou através de seus livros e escritos uma grande preocupação com os temas que envolvem a sociedade e que estão sempre em discussão. Por ter filhos, estava sempre impulsionada a escrever de acordo com a fase de vida da sua prole e isso envolvia certamente os assuntos mais pertinentes e que pudesse despertar o interesse de um público que estava em formação. São ele jovens que precisavam conhecer tudo que envolvia a sociedade e que contribuísse em sua formação pessoal e social. Procurava demonstrar aos seus filhos que era necessário uma aprendizagem que envolvesse os assuntos pertinentes ao meio social e que o conhecimento destes determinaria o tipo de cidadão que seriam no futuro.

E para tratarmos da educação no livro Justino, o retirante começaremos por Edgar Morin, no livro “Os sete saberes necessários à Educação do Futuro”, nele Morin ressalta a importância de se possuir um pensamento complexo, ou seja, estruturado de modo diverso incluindo fatores conscientes e inconscientes que

influenciam o comportamento de uma pessoa e que esta seja apta a fazer relação , contextualizando e religando diversos saberes ou espaço da vida. Para ele é cada vez mais necessário que as pessoas tenham compromisso e responsabilidade em relação às mudanças ocorridas no mundo e no seu próprio interior. Para tanto é de fundamental importância a produção de “espaços” onde o diálogo, a criatividade, a reflexão e a democracia possam gerar práticas pedagógicas embasadas na solidariedade, na ética, na paz e na justiça social.

Uma educação que privilegie os Sete Saberes e seja pautada no desenvolvimento da compreensão e da condição humana, na cidadania planetária e na ética do gênero humana poderá colaborar para que os indivíduos possam enfrentar as múltiplas crises sociais, econômicas, políticas e ambientais que colocam em risco a preservação da vida no planeta. (MORIN, 2011, p.13)

Para ele a educação que contemple os Sete Saberes necessita de um conhecimento transdisciplinar que envolva o indivíduo como um todo, bem como a sua relação com a sociedade e o meio natural preparando-o para as adversidades que a vida impõe e que podem dificultar ou impossibilitar a continuação e preservação da vida planetária. Para isso é necessário a busca de uma educação transformadora que possa respeitar a diversidade cultural percebendo a “pluralidade dos indivíduos”, investindo no presente e futuro das novas gerações.

Para Moran os Sete Saberes pertinentes à educação do futuro envolve as cegueiras do conhecimento que fazem parte delas o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; a compreensão e a identidade terrena; enfrentar as incertezas e a ética do gênero humano. Cita ainda que em se tratando das cegueiras do conhecimento a mesma educação que pretende passar conhecimento, não conseguiu enxergar o conhecimento humano, o que o aciona, o que dificulta, o que tende ao erro e a ilusão

Em relação às cegueiras do conhecimento e que não existe a preocupação em conhecer de fato o que é conhecer quando, isso deveria ser a primeira necessidade humana porque ,com isso, o indivíduo estaria se assegurando quanto a permanência de erro e ilusão que cercam a mente humana e que esta, a mente humana, deve estar preparada para enfrentar a lucidez.

Em relação aos princípios do conhecimento pertinente, para Morin o principal problema da aprendizagem é deixar de lado a necessidade de aprender o conhecimento capaz de assimilar problemas globais, essenciais para a partir daí

inserir os conhecimentos tidos como parciais e locais ou seja partir do todo que se conhece para as partes. Para ele a fragmentação dos conteúdos no ensino por disciplinas não permite a relação existente entre as partes e o todo. Segundo o autor o ser humano faz parte de uma unidade complexa porque o mesmo é “a um só tempo, físico, biológico, peíquico, cultural, social e histórico” e que o ensino por disciplinas faz com que essa complexidade seja desfeita sendo com isso impossível compreender o significado real do que seja ser humano por isso para ele o objetivo primordial de toda aprendizagem deveria ser voltada para o estudo da “condição humana”.

É fácil identificar no livro Justino, o retirante as marcas do ensino tradicional no curso noturno por disciplinas formado pelos professores da escola de Justino que percebiam na clientela a necessidade de avançar de acordo com o déficit de idade série. Como é citado abaixo através de uma conversa entre o Sr. Luís e o diretor da escola.

- Muito obrigado. Já estou tratando do registro do curso e nestes seis próximos meses poderemos iniciar o segundo ginásio. Se der certo, em março iniciaremos o terceiro. Assim, num ano e meio acabaram o ginásio e poderam começar o colegial... –Terá tempo para organizar tudo? – Não estou só, como lhe disse, conto com o auxílio de seis professores, todos aqui, conhecedores dos nossos problemas e necessidades. Estão dispostos ao trabalho, até a certos sacrifícios. Já há uns seis meses que elaboramos essa ideia, não é de hoje que ela surgiu. Estamos com a papelada pronta, demos entrada ao pedido de oficialização do curso. Inscreverei seu nome no registro de professores, em duas matérias, Português e História. (MOTT, 2012, p. 130 e 131).

Abrindo um paralelo entre Justino e Morin percebe-se que na história do menino existe a presença de um professor que através de leituras diversas tentou abrir sua visão para o mundo global fazendo com que Justino compreendesse a importância de uma aprendizagem voltada para o mundo que o cerca de uma forma ampla, sem separação apesar de, na época o ensino ser voltado para o tradicional. O professor colaborou para que Justino ampliasse o leque de conhecimentos já existente e conseguisse alcançar uma aprendizagem libertadora que é capaz de transformar e mostrar as várias vertentes que liberta o ser de uma visão única do mundo que o cerca.

Para o autor é necessário que essa unidade, que envolve o ser humano, seja refeita para que cada indivíduo seja consciente em relação a complexidade de sua identidade, bem como, a identidade comum a todo ser humano. Ainda segundo

Morin, é possível que essa unidade seja resgatada através do estudo nas diversas áreas do conhecimento envolvendo as ciências humanas, na literatura e na filosofia fazendo um elo que não pode ser desfeito entre “a unidade e a diversidade de tudo que é humano.” Percebe-se esse elo em uma conversa entre o professor e Justino, cada um a sua forma luta por uma educação melhor, a fim de conseguir alcançar seus objetivos.

- Muito bem, espero poder ser-te útil, isso só me dará prazer. Sou partidário da teoria que nós todos somos elos da corrente. – Como assim? – Você recebi de mim, dá para outro e eu, por minha vez, já recebi de alguém. Só deste modo a vida tem valor, do contrario, o saber pelo saber seria uma forma tremenda de egoísmo. Devemos receber e dá. Vê só, também éis partidário dessa teoria. Estás estudando com que fito? Dá vida melhor aos teus irmãos de sofrimentos, não é? – Sim, senhor, o senhor, mais uma vez, está com a razão. Agora não me esquecere dos elos da corrente. (MOTT 2012, p. 128).

Versando sobre como ensinar a identidade terrena, Morin afirma que “o destino planetário do gênero humano” não é do conhecimento da educação, ele continua ignorado, sendo que, reconhecer a identidade terrena é fundamental a cada ser em individual e para a coletividade sendo necessário ser um dos principais objetivos da educação o conhecimento planetário, bem como, a identidade terrena percebendo, a união existente em todo mundo apesar dos problemas dominantes que permeiam a humanidade.

Ainda segundo Morin, para enfrentar as incertezas que nos são apresentadas neste século seria necessário ensinar meios que fossem possíveis enfrentamentos dos imprevistos que surgem inesperadamente, sem aviso prévio e ser capaz de transformar seu desenrolar, em consequência das informações percebidas ao transcorrer do tempo, como na história de Justino, o retirante que Mott retrata muito bem a questão da mudança de vida do menino que em meio às certezas de uma vida sofrida, porém junto com os pais que tanto amava surgiu a incerteza de um futuro que arrancara dele o pouco que tinha e que significava o seu tudo, ficando sozinho no mundo e tendo que recomeçar enfrentando os imprevistos que a vida lhe impôs.

As ciências permitiram que adquiríssemos muitas certezas, mas igualmente revelaram, ao longo do século xx, inúmeras zonas de incerteza. A educação deveria incluir o ensino das certezas que surgiram nas ciências físicas(microfísicas, termodinâmica e cosmologia), nas ciências da evolução biológica e nas ciências históricas.(MORIN,2011,p.17).

É certo que, sendo o homem um ser social necessita compreender o mundo que o cerca percebendo as mudanças que ocorrem em todo o planeta e, nesse contexto o papel da educação é de suma importância porque é através dela que as culturas são estudadas, esclarecendo dúvidas, tirando incertezas e até mesmo provando o contrário de certezas já estabelecidas por isso as escolas deveriam priorizar o estudo das certezas que surgiram a partir das investigações científicas em um estudo global no qual o indivíduo possa compreender partindo do todo para o específico.

A fórmula do poeta grego Eurípedes, que data de 25 séculos, nunca foi tão atual: “O esperado não se cumpre, e ao inesperado um deus abre o caminho”. O abandono das concepções deterministas da história humana, que acreditavam poder predizer nosso futuro, o estudo de grandes acontecimentos e desastres de nosso século, todos inesperados, o caráter doravante desconhecido da aventura humana devem-nos incitar a preparar as mentes para esperar o inesperado, para enfrentá-lo. É necessário que todos aqueles que se ocupam da educação constituam a vanguarda ante a incerteza de nossos tempos.(MORIN,2011,p.17).

Na literatura que norteia esse trabalho é fácil perceber que a história de Justino o protagonista do livro de Odete de Barros Mott, se entrelaça com o citado acima “o esperado não se cumpre, e ao inesperado um deus abre o caminho”. Justino menino que protagoniza o livro de Mott vence apesar de todas as probabilidades contrárias, consegue ressurgir de uma vida de perdas e abandono familiar através da morte dos pais, mesmo assim, ele supera seus medos e angustias e parte em busca do desconhecido. O que iria encontrar? Não sabia ao certo? No entanto enfrentou a fome, as incertezas do tempo, da caminhada, da solidão e do futuro em busca de superar seus limites e perceber que o brilho do Sol de cada dia reservava surpresas e transformações para ele. Nessa caminhada Justino pode constatar que no decorrer desse processo muitas mudanças para melhor iriam acontecer em sua vida apesar dos percalços, das pedras encontradas, das dificuldades vivenciadas conseguiu com os próprios esforços e a ajuda de pessoas amigas, ir para frente e vencer os obstáculos que surgiam diante de si.

Para Morin não existe comunicação humana se dela for ausente a educação para a compreensão, no entanto, esta educação não faz parte do ensino ele deixa claro que o planeta precisa de uma forma integral, de compreensão mútua e para que isso aconteça é necessário que exista uma transformação na maneira de pensar e esse deve ser o parâmetro a ser conquistado para a educação do futuro, das

novas gerações que necessitam de relações humanas desprendidas de incompreensão pois a compreensão mútua é essencial para que as relações humanas se estabeleçam e sejam sólidas . Para isso deve-se estudar a incompreensão a partir de suas raízes dando ênfase nas causas do racismo, da xenofobia e do desprezo caminhando para uma educação para a paz e pela paz.

A educação deve conduzir à “antropoética”, levando em conta o caráter ternário da condição humana, que é ser ao mesmo tempo, indivíduo \leftrightarrow sociedade \leftrightarrow espécie. Nesse sentido, a ética indivíduo \leftrightarrow espécie necessita do controle mútuo da sociedade pelo indivíduo e do indivíduo pela sociedade, ou seja, a democracia; a ética indivíduo espécie convoca, para o século XXI, a cidadania terrestre. (MORIN, 2011,p.18).

Para o autor a condição humana está ligada à ética através do ser que representa ao mesmo tempo o indivíduo a sociedade e a espécie sendo pertinente o controle mútuo da sociedade pelo indivíduo e desse mesmo indivíduo pela sociedade em um processo democrático onde todos estarão interligados em busca da cidadania terrestre, para ele a ética não deveria ser ensinada a partir de lições de moral e sim deve ser construída na mente humana seguindo a consciência de que o humano não é um ser isolado porque ele é indivíduo e ao mesmo tempo tem relação com a sociedade e faz parte da espécie e possui dentro de si essa tríplice realidade por isso para que o desenvolvimento seja realmente humano é pertinente que ele possua a consciência de pertencer à espécie humana, bem como, as participações comunitárias e o conjunto das autonomias individuais e para que a ética realmente aconteça é necessário que haja uma relação mútua entre a sociedade e o indivíduo tendo a humanidade como comunidade planetária e através da educação o indivíduo forme a consciência pautada na aprendizagem adquirida e se sinta motivado a praticar a cidadania planetária.

Chico Cego, cantando com sua voz rouca e desafinada para ganhar uns tostões e comprar comida... Por onde estaria andando? Ainda dentro da escuridão? Como ele se alegraria com a felicidade do seu “m’nino”. Soltaria sua risada, seca, como o estalar dos bambus nos dias de calor. Na solidão do quarto, entre feliz e triste com as lembranças queridas, Justino cerca os olhos de onde correm lágrimas, que lhe deslizam pelas faces. Dentro dele aumenta e cresce o desejo de ser médico, de estudar, de curar todos os Chicos Cegos do mundo. Vence o sono, o cansaço e, debruçado na mesa, lê... até as horas tardes chegarem e depois a madrugada, anunciada pelos galos dos terreiros. Entao, exausto, mais feliz, dorme seu sono sem sonhos, para quando surgir o dia, com o burburinho da pensão, recomeçar. (MOTT 2012, p. 133).

Ao falar do conhecimento Morin cita que ele, o conhecimento é passível de erro e da ilusão e que a educação do futuro deve focar nessa problemática que envolve o erro e a ilusão e que estes invadem a mente humana desde o surgimento do homo sapiens, ou seja, desde os primórdios os homens já enfrentavam o erro e a ilusão, por isso, a educação deve frisar que todo conhecimento é ameaçado pelo erro e a ilusão em maior ou menor grau.

O conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. Daí resultam, sabemos bem, os inúmeros erros de percepção, que nós vêm de nosso sentido mais confiável, o da visão. Ao erro de percepção acrescenta-se o erro intelectual. O conhecimento, sob forma de palavra, de ideia, de teoria, é o fruto de uma tradução/ reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro. (MORIN,2011,p.19 e 20).

Por isso cita que a visão é responsável pelos variados erros de percepção e aliado a esse vem o erro intelectual porque o conhecimento expresso através de palavras, ideias, teorias possui sua origem na tradução e reconstrução cerebral, mediado pela linguagem e o pensamento, sendo, portanto passível de erro e que é através das emoções que vivenciamos a cada dia, que possibilitam a chance desses erros ocorrerem de uma forma mais efetiva.

Movido pela emoção, Chico Cego que não enxergava, viu uma luz de esperança se ascender dentro do seu interior com a perspectiva de encontrar o tão comentado Beato que irá devolver-lhe a visão, a chance de enxergar as coisas belas do mundo que com a cegueira só ficou na lembrança muito vagamente, com isso o personagem do livro comete o grande erro de ir embora seguindo uma ilusão, por consequência abandona Justino e a chance de ter um lar de verdade na casa de Dona Severina que pretendia abrigar os dois no seio de sua família, parte e em meio ao erro e a ilusão condena-se a um mundo de solidão.

Segundo o autor sentimentos como a raiva, o amor e a amizade podem mudar a nossa visão cegando-nos e nos conduzindo ao erro, ilusões e cegueiras porque para Morin não existe um estágio superior da razão dominante, da emoção. Para ele o que prepondera é um eixo de ligação que envolve o intelecto e o afeto e com isso a capacidade de emoções é fundamental para se formar comportamentos racionais. Foi pelo amor que Dona Severina aprendeu a ter por Justino que a motivou a deixa-lo estudar, além de perceber no menino a fome do conhecimento

que deve existir em cada ser e que o move a buscar em meio à razão e a emoção estratégias de aprendizagem que facilitam a sua compreensão e foi com o sociólogo Luís que ele compreendeu quanto era importante esse querer saber cada vez mais, e a importância disso para sua vida.

- Tens sorte, Justino, nem todos amam o saber como tu. - E, senhor, nem dois ou três dos meninos retirantes encontram uma dona Severina, - É certo. Mas eu acredito que nós mesmos criamos e forçamos em parte as situações para que elas se nos tornem favoráveis. (...) muitas vezes, a possibilidade passa de mão em mão, até que um consegue prendê-la, para realizar com esforço, com luta e com inteligência, seu ideal. A questão, Justino, é ter ideal e ânimo para realizá-lo, Assim, dez, cem donas Severinas, por maior amor, maior cuidado e carinho, nada conseguirão de um Justino, se esse não quiser, se esse não se esforçar. Justino, vermelho, ruborizado, ouvia os elogios, guardando-os avaramente em seu coração. (MOTT, 2012, p. 123 e 124).

É certo que através do conhecimento científico as verdades podem ser comprovadas, no entanto, não estão passíveis de erro e ilusão porque as teorias comprovadas com uma veracidade absoluta podem a qualquer momento serem tidas como erro e ilusão por pesquisas mais avançadas e esclarecedoras. Portanto, como não estamos livres do erro e da ilusão devemos fortalecer o conhecimento através da afetividade, das emoções que representam o real equilíbrio, desde quando, em muitas situações, o indivíduo reage emocionalmente e consegui superar as decepções. Por outro lado a falta de emoções pode levar a comportamentos irracionais e a erros e ilusões irreversíveis. Por isso a educação deve estar voltada para identificar a origem de erros, ilusões e cegueiras. Em relação às emoções, sonhos e fantasias Morin cita que:

A importância da fantasia e do imaginário no ser humano é inimaginável; dado que as vias de entrada e de saída do sistema neurocerebral, que colocam o organismo em conexão com o mundo exterior, representam apenas 2% do conjunto, enquanto 98% se referem ao funcionamento interno, constitui-se um mundo psíquico relativamente independente, em que fermentam necessidades, sonhos, desejos, ideias, imagens, fantasias, e este mundo infiltra-se em nossa visão, ou concepção, do mundo exterior. (MORIN, 2011, p.21).

Com a mudança de dona Severina para Canindé Justino criou um laço de amizade muito forte com as crianças e isso fez com que a cada dia cercado de amor, ele fosse se transformando e sonhando cada vez mais alto e, em meio à realidade, brincadeiras e sonhos ele se aproximava cada vez mais de seus objetivos.

Aos domingos, depois de servir o almoço, aproveitava alguns instantes de descanso e ia nadar no rio que banhava a cidade. Lá, adquirira certa elasticidade nos músculos e um tom levemente rosado nas faces morenas. Para as crianças era um deus, o “padim”, como o chamavam. Padrinho, a expressão máxima de carinho que podiam dispensar a quem não fosse o pai e a tia. “Padim” Justino fazia estilingues, armava alçapões, descascava os toros de cana e as levava ao rio para nadar. Na horta, nos pequenos serviços domésticos, pôr a mesa, varrer o quintal, estava sempre acompanhado pelos mais velhos, que se esforçavam em imitá-lo. Aprenderam com o retirante a confeccionar chapéus de palha, fazer panelas de barro e cozê-las no forno que haviam erguido no fundo do quintal. Para as crianças, cada dia, desde o amanhecer até a hora em que, exaustas iam para a rede, era uma sucessão de coisas maravilhosas, um cofre de segredos, a transbordar mistérios. Os dias, as semanas, a vida, enfim, se escoava, mansamente, como a areia na ampulheta... e o sonho de Justino crescia e tomava conta dele todo. MOTT, 2012, p. 115 e 116).

Em se tratando dos erros mentais a nossa memória, segundo Morin, é fonte insubstituível de verdade, sendo capaz de selecionar as lembranças que são importantes ou deixar de lado e até mesmo apagar aquelas que não possuem a mesma significância fazendo uma seleção natural do que é necessário armazenar na mente sendo que esta também é passível ao erro e a ilusão.

E Justino se lembra, nos intervalos, do dia em que, trouxinha nas mãos, deixara sua casa. Parece-lhe impossível que tudo aquilo houvesse acontecido para ele, um menino retirante. A saudade dos pais, a lembrança da infância, aproximam-no do passado. Volta a olhar para frente, sua vida atual cheia de estudos e esperanças aumentara a distância percorrida, tornando-a quase intransponível. Na frente, o farol do saber a lhe indicar o caminho, a meta a ser atingida. Quanta coisa boa! Ricas promessas de estudo e possibilidades para o futuro, sente-se com coragem para avançar sempre, cada vez mais e tomar a vida nas mãos e realizar-se. (MOTT, 2012, p. 10).

Para Morin a educação do futuro deverá ser centrada na condição humana e essa educação deve contemplar o ensino primeiro e universal e nesse contexto os seres humanos em qualquer lugar devem reconhecer-se em sua humanidade comum, percebendo também a diversidade cultural indissociável a tudo que é humano nessa era planetária. Sendo para isso necessário conhecer o humano primeiramente situando-o no universo e não destitui-lo dele porque todo conhecimento precisa contextualizar seu objetivo para que possa ser pertinente e para que possamos fazer questionamentos em relação à nossa condição humana é preciso antes descobrir a nossa posição no mundo, Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e ideias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado... E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo. (MORIN,2011,p.29).

Por isso faz-se necessário uma aprendizagem do todo para as partes e não o inverso porque o indivíduo não aprende através de um conhecimento fragmentado, nesse contexto deve-se situar a condição humana no mundo através dos conhecimentos oriundos das ciências humanas colocando em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humana para que se possa integrar na educação do futuro a contribuição da humanidade, não só dos estudos filosóficos e históricos, mas também, a inclusão da literatura, a poesia, as artes e outros conhecimentos pertinentes a uma aprendizagem global.

Podemos considerar que a plenitude e a livre expressão dos indivíduos-sujeitos constituem nosso propósito ético e político, sem, entretanto, pensarmos que constituem a própria finalidade da tríade indivíduo \leftrightarrow sociedade \leftrightarrow espécie. A complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.(MORIN,2011,p.49).

Para Morin os saberes separados fazem com que a aprendizagem não seja completa e as amarrações que devem existir entre as partes e o todo seja prejudicada por falta de informações coerentes e de ligação. Para ele a completude faz parte de uma aprendizagem satisfatória.

Critica as especializações que fragmentam a aprendizagem fazendo com que o indivíduo domine sua área de conhecimento deixando de integrar-se em uma problemática global ficando com o conhecimento restrito a sua área do saber e não desenvolvendo suas potencialidades de uma forma integral. Quando afirma que "os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais", nos mostra que é necessário um conhecimento que envolva todas as esferas da educação porque o conhecimento fragmentado já não comporta a gama de informações que se fazem necessárias para que se desvendem os caminhos da educação, pois essa é uma atividade complexa desde quando envolve

todas as aprendizagens fazendo com que seja necessário um conhecimento do contexto geral para que haja a compreensão das partes.

Percebemos que na história de Justino, a todo o momento, ele se depara com o saber, com informações diversas porque ele tem sede de aprender e esta o impulsiona a ir para frente, a buscar mais e mais o conhecimento seja através de livros, revistas, jornais, folhetos, pessoas dispostas a ajuda-lo como o sociólogo Luís que estava sempre a conversar com ele sobre a vida e os assuntos que envolvem o meio social e as mudanças que devem ocorrer, bem como a evolução das Ciências no campo das novas descobertas científicas.

Justino caminha distraído, desligado do que o cerca, envolto no doirado de seu sonho: VAI ESTUDAR! Atravessa ruas até a residência do sociólogo, bate à porta. Ele vem abrí-la e o faz entrar. Aturdido, o menino vê livros por todos os lados, no chão, sobre as cadeiras, na cômoda. Olha tudo aquilo com avidez, nunca poderia imaginar que houvesse tantos livros assim. Há fome no seu olhar (...) Justino sente-se como um retirante que, no meio do dia, quando a sede o devora, encontra um poço d'água fresca e, debruçando-se nele, bebe em grandes sorvos. Assim, agarra os livros, as revistas, num gesto de amor e carinho. - Posso leva-los? - Naturalmente, são teus. - Mas, o senhor sabe, demoro para ler, volto sempre a reler; quando não entendo, tenho que procurar palavras no dicionário, o tempo é pouco. - Não faz mal, ainda ficarei por aqui uns meses tabalhando. (MOTT, 2012, p.122 e 123).

Morin, ao falar sobre a inteligência cita que a inteligência separa os problemas, porque fragmenta tudo que é complexo no mundo em partes separadas, ou seja, unidimensionaliza o multidimensional descartando com isso, as chances de compreensão e reflexão por não oportunizar uma visão ampla em longo prazo. Com isso a inteligência fica incapacitada de perceber o contexto e também a complexidade planetária ficando “cega inconsciente e irresponsável”. Segundo o autor o estudo por disciplinas facilitou o trabalho do professor porque ele teve condições de dedicar-se exclusivamente a uma área do saber, no entanto, tanto o saber do professor como o do aluno foi prejudicado, porque ao separar as áreas do conhecimento separou-se também o conhecimento fazendo com que o mesmo representasse uma visão fechada do conhecimento social que é inerente a todo ser social.

A dissociação que existe das disciplinas nas escolas primárias contribui para que o aluno não compreenda o contexto geral e com isso percam suas “aptidões naturais para contextualizar” primando por um conhecimento tradicional que

contribui para a dissociação dos conteúdos. Para Morin, ao ser apresentado um estudo por disciplinas ao jovem este perde a capacidade de contextualizar e entender de uma forma global os assuntos do seu interesse.

Por detrás do desafio global e do complexo, esconde-se um outro desafio: o da *expansão descontrolada do saber*. O *crescimento ininterrupto dos conhecimentos constrói uma gigantesca torre de Babel*, que murmura linguagens discordantes. A torre nos domina porque não podemos dominar nossos conhecimentos. T.S. Eliot dizia: “Onde está o conhecimento que perdemos na informação?” O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas do saber. Em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados em informações. (MORIN,2003,p.16).

Por isso é possível definir que para que o conhecimento seja reconhecido efetivamente é necessário que seja organizado dentro de um contexto no qual as informações estejam inseridas e não transmitidas aleatoriamente porque nesse caso significariam só um montante de informações desconectadas e não teriam ligação com um contexto comum e com isso não teriam significado. Para Morin, o educador que se dedica a uma única disciplina, mesmo assim, não é capaz de dominá-la totalmente e as informações relacionadas a essa, não são completas porque o conhecimento de forma dissociada é técnico e não abarca a situação humana no ápice da vida, necessitando com isso a desconstrução dessa falsa democracia do ensino atual a fim de reformar o pensamento.

A humanidade precisa vencer os desafios culturais, sociológicos e cívicos desde quando os três devem estar interligados para que aconteça a integração dos saberes que norteiam a mente humana. Em relação à cultura o autor cita que a cultura das humanidades foi dissociada da cultura científica causando com isso sérios danos para ambas. Durante a reflexão deixa claro que a cultura humanística voltada para a filosofia é responsável pelos grandes questionamentos humanos, estimula a reflexão em relação ao saber e facilita a integração pessoal dos conhecimentos enquanto que a cultura científica separa as áreas do conhecimento, do saber e mesmo assim consegue fazer descobertas científicas dignas de admiração, no entanto, não faz reflexões sobre o que acontecerá, o que estará reservado no futuro da humanidade e da própria ciência. Por isso o papel da cultura humanística é buscar a integração dos conhecimentos enquanto que a científica faz

a separação das áreas do conhecimento causando com isso a fragmentação do saber.

Já o desafio sociológico afirma que a informação é imprescindível, por isso o conhecimento deve dominá-la e fazer a integração com as outras áreas porque o ato de conhecer deve ser sempre revisto e adaptado de acordo com as transformações do meio social através do pensamento, por ser esse de grande relevância para o indivíduo e a sociedade que precisa conhecer de uma forma integral o meio no qual está inserido. Por outro lado, o desafio cívico preconiza que houve uma queda da percepção global e com isso ficou estremecido o senso de responsabilidade no qual cada ser busca cuidar de sua especialização sem se preocupar com a solidariedade nem com a ligação existente entre a comunidade e as pessoas que nela residem.

Refletindo sobre o parágrafo anterior e a história de Justino, o retirante, podemos afirmar que na trajetória dele foi notório a expressão da solidariedade pela maioria das pessoas as quais ele teve que conviver. Como Chico Cego, os retirantes, Dona Severina, Os pensionistas, O diretor da escola, Os professores e O sociólogo Luíz que foi um diferencial em sua educação básica e na busca de novos horizontes.

Ainda segundo Morin, é necessário que o humano seja possuidor de uma cabeça bem-feita, pois essa significa que em vez de fazer um empilhamento do saber faz-se uma seleção procurando uma forma de conviver e resolver os problemas de uma forma geral tendo princípios organizadores que oportunizam a ligação dos diversos saberes dando lhes sentido. Para ele a educação deve desenvolver a aptidão natural que a mente possui para resolver problemas e em consequência disso estimular o total emprego da inteligência. Uma educação que prime por uma cabeça bem-feita deve abarcar a cultura das humanidades para que através dessa junção fosse capaz de responder os inúmeros desafios da globalidade e da complexidade que o dia a dia nos impõe, envolvendo a vida social, política em uma visão nacional e mundial com informações que envolvam o global na sua completude.

Segundo Morin a chamada época da globalização iniciou-se em 1990 estabelecendo com isso uma rede de comunicação extensa que atinge todo o planeta. Nesse momento de transformações visíveis os desenvolvimentos ocorridos nas áreas dos conhecimentos técnicos, econômicos e científicos possibilitam um devir planetário frequente a toda humanidade.

Tornou-se vital conhecermos o destino planetário que vivemos, tentarmos perceber e conceber o caos dos acontecimentos, interações e retroações onde se misturam e interferem os processos econômicos, políticos, sociais, nacionais, étnicos, religiosos, mitológicos, que tecem esse destino; em suma, sabermos quem somos, o que se passa conosco, o que nos determina, o que nos ameaça, o que pode esclarecer-nos, prevenir-nos e quiçá salvar-nos. (MORIN, 2003, p.9 e 10).

Podemos perceber nas palavras de Justino ao preparar o discurso de formatura a preocupação com a condição humana. O que iria dizer de significativo para a plateia que teria de enfrentar? Não poderia dizer qualquer coisa naquele momento, teria que passar uma mensagem que fizesse com que todos refletissem sobre quem seriam futuramente e de que forma construiriam o seu futuro, como cidadão do mundo.

Justino prepara o discurso. Como dissera, não quer que ele seja vazio, composto de palavras belas e ocas. Pretende escrever algo que sirva de mensagem de esperança e de estímulo aos companheiros para a luta nobre de um futuro digno da condição humana. Sente falta do sociólogo que poderia orientá-lo, esforça-se noite adentro e no dia seguinte, ao reler o que escrevera, rasga descontente as folhas, pois lhe parece não ter escrito o desejado. Recomeça com novos esforços, sempre confiante, procurando sobrepor-se às contingências do seu pouco conhecimento. Ao se aproximar a formatura, dá por terminado o trabalho. (MOTT, 2012, p. 138).

É certo que. Para Morin estamos vivendo em um caos onde os problemas estão ligados com a vida humana, por isso é preciso perceber o próprio ser em sua essência envolvendo todas as áreas do conhecimento para que, através do conhecimento interior o indivíduo possa reconhecer os problemas existenciais e globais para que possa entender a sua complexidade, mas apesar dessa consciência os sistemas de ensino continuam a dividir esse conhecimento integral que o indivíduo necessita para compreender a complexidade da vida, por isso torna-se a cada dia mais urgente a reforma do pensamento para que através desta o humano possa compreender a constância de se mudar o ensino, para que este possa de uma forma global ser responsável pelas mudanças necessárias para o crescimento e desenvolvimento social do sujeito que poderá compreender o global na sua plenitude preparado para entender a complexidade planetária. Para ele, não importa os níveis de conhecimento do sujeito e sim de que forma esse conhecimento é obtido porque o saber específico de uma área não prepara o ser para esse novo desafio planetário que exige um conhecimento amplo e compartimentado para que o

sujeito possa adquirir uma visão geral que possa fazê-lo entender a complexidade desse mundo e das relações que vivenciamos dia a dia.

A ciência econômica em particular que se transformou em rainha e guia das políticas, não pode conceber aquilo que escapa ao cálculo, ou seja, as emoções, as paixões, as alegrias, as desgraças, as crenças, as esperanças, que constituem a essência da existência humana. Assim sendo, a nossa formação escolar, universitária, profissional, transforma-nos em cegos políticos e impede-nos de assumirmos a nossa condição doravante necessária, de cidadão da Terra. Daí a urgência vital de “educar para a era planetária”, o que pressupõe uma reforma de modo de conhecimento, uma reforma do pensamento, uma reforma do ensino sendo estas três reformas interdependentes. (MORIN, 2003, p.10).

Para ele é necessário que aconteça a desconstrução, construção e ampliação da maneira de conhecer, pensar e ensinar, ou seja, ter um novo olhar que possa enxergar de forma diferente essas questões que são de suma importância para a vida do homem moderno que necessita estar conectado com novos saberes e esses necessitam surgir de uma nova forma visando a aprendizagem possuidora das ciências físicas, biológicas, sociais, humanas enfim de todas as áreas do conhecimento porque com o advento das novas tecnologias as informações são processadas de uma forma rápida, urgente exigindo com isso um novo direcionamento no qual o conhecimento, o pensamento e a forma de ensinar estejam caminhando juntos para que os limites que foram impostos sejam destituídos de poder e a aprendizagem aconteça de uma forma ilimitada e que facilite a compreensão porque para entendermos esse novo funcionamento planetário necessitamos de uma aprendizagem do todo para as partes na qual o conhecimento seja global facilitando assim a aprendizagem do sujeito e a transmissão de conhecimentos de uma maneira integral.

A aprendizagem de Justino não foi fácil porque o mesmo ficou muitos anos na escuridão do saber, no entanto, ao surgir a oportunidade ele não retrocedeu estava sempre a estudar nas suas horas vagas, algumas vezes era questionado quanto a isso, pelos pensionistas que o via sempre estudando, perguntando, querendo saber mais e, nesses momentos ele sorria e dizia que da mesma forma que não podemos ficar sem respirar, dormir e outras funções básicas ele não conseguia ficar sem estudar , sem aprender coisas novas, por isso até aos domingos ele conversava com o Senhor Luís como é retratado no trecho abaixo.

As conversas com o Sr. Luís nas horas livres dos domingos serviam-lhe de higiene mental, de descanso da semana trabalhosa. Sentados

no quarto, arrumando as revistas, qualquer assunto que lhes chamasse a atenção era motivo de discussão, principalmente se relacionado com os problemas do Nordeste, da miséria, do subdesenvolvimento do seu povo. - Como - perguntava, quase aflito ao Sr. Luís, quando via as estatísticas numéricas da porcentagem de analfabetos, das crianças que morriam nos primeiros dias de vida, do alimento escasso e mal orientado -, como remediar tudo isso? Qual a solução? (...) Outras vezes, a questão era levantada por alguma revista científica sobre doenças, notadamente aquelas que mais afligiam a infância do Brasil: paralisia, desidratação, tuberculose, verminose. Justino procurava, ansiosamente, soluções drásticas para o mal. O Sr. Luís ria dos seus arroubos e tratava de colocá-lo na terra, encarando a questão com bases mais firmes. (MOTT,2012,p.133 e 134).

Para que essa aprendizagem aconteça de forma integral Morin defende o método como disciplina voltada para o pensamento e está deve colaborar com cada pessoa afim de que cada ser possa formular a sua estratégia cognitiva isto é ter a capacidade de conhecer, assimilar e organizar experiências e informações que possibilitarão o desenvolvimento de comportamentos e capacidades corporais e mentais inerentes a cada ser humano e que através dessas capacidades possa enfrentar o desafio planetário que nos é colocado nesse século informatizado e cheio de desafios que o nosso espírito precisa e deve aceitar, mediante princípios que norteiam a prática de um pensamento complexo.

Podemos afirmar o seguinte: em situações complexas, ou seja, quando existe num mesmo espaço e num mesmo tempo não só ordem, mas igualmente desordem, quando existem não só determinismos mas também acasos, quando emerge a incerteza, é necessária a atitude estratégica de um sujeito; perante a ignorância e a confusão, a sua perplexidade e a sua lucidez são indispensáveis. (MORIN, 2003,p.16.)

No livro de Odette de Barros Mott intitulado de “Justino, o retirante” encontram-se também muitas marcas de resiliência devido ao contexto sócio cultural citado pela autora que visava mostrar com sua obra, ao mundo, a situação do povo nordestino que sofre com a seca, as cheias em um total desequilíbrio, a fome, a miséria, a falta de remuneração justa e o desemprego. O livro denuncia um grito de socorro literário através da figura de Justino, menino pobre, sofrido e sozinho que enfrenta a seca no sertão nordestino.

Para tratarmos desse assunto na dissertação faremos uma breve reflexão sobre o livro “Os patinhos feios” de Boris Cyrulnik que ao tratar da resiliência cita a vida de Michel uma criança que era espancada pelo pai que para castigá-la mais ainda o prendia no porão de casa. Certamente ele passara momentos terríveis, no

entanto, a se ver livre do cativo que fora descoberto, Michel não conseguia externar nenhum sentimento que fosse diferente da indiferença que o dominava naquele momento. A história de Michel nesse ponto se assemelha com a de Justino quando após andar tanto sozinho e triste encontra um grupo de retirantes entre mulheres, homens e crianças todos com a marca da fome e sofrimento.

Justino se incorpora à pequena leva de retirantes. Enquanto caminham, quase se arrastando pela estrada vermelha, conversam. É só uma troca simples de palavras, pouco menos que nada. Não sentem necessidades de frases grandes e pomposas, porque o menino não passa de um retirante como os outros, olhos queimados pelo sol, barriga vazia, pés cansados. (...) E, assim, Justino, unindo-se aos retirantes, não sentiu nem alegria e nem tristeza. Ainda não saíra do seu desequilíbrio interior para poder participar de qualquer alteração, mesmo em sua própria vida. Sente-se como uma coisa, e é como coisa que se une ao grupo. Um saco de feijão ou de milho, nada mais... (MOTT, 2012, p.)

Para Cyrulnik pessoas resilientes conseguem superar após passarem por situação difícil, sofrida, mas para que isso aconteça, é necessário que haja uma mudança da “sombra para a luz” e que essa seja motivada pela carência de rever o que aconteceu e reaprender a viver de outra forma, deixando para trás a dor e o sofrimento, foi o que aconteceu com Justino quando se viu sozinho após a morte dos pais e a expulsão do coronel, teria que avisar a mãe que iriam deixar sua morada pois o patrão queria as terras, perdera tudo e não sabia o que iria fazer, que rumo tomar.

Justino recorda que nem fora preciso fazer a mudança; na mesma tarde, a mãe falecera, num acesso mais forte, que quase lhe arrancara o peito. Tudo muito triste, triste como sua vida. (...) De repente, ao deitar, compreendera que não poderia continuar ali, naquelas bandas, vendo o gado pisar a terra que o pai lavrara, a terra que no tempo das águas se cobria de verde, renascendo alegremente, a ofertar seus frutos. Justino quieto, só, amadurece seu pensamento. Vai partir! Essa ideia explode repentina, violenta, como o sol nascente. Bola de fogo a lhe queimar o peito. Vai partir, não continuará ali. (Mott, 2012, p.11 e 12).

Segundo Cyrulnik para a pessoa que é maltratada não é fácil superar após a ausência do sofrimento, com o fim da dor o problema não é sanado mesmo que, no caso de crianças ou adolescentes, outras famílias são encontradas havendo até adoção quando estes ficam sem lar, para ele, mesmo que “o patinho feio” vá morar com uma família de cisnes a dor vivida não vai desaparecer da sua memória. “É preciso bater duas vezes para provocar um traumatismo”, confirma que o primeiro golpe, no real causa o sofrimento e este vem carregado de dor e o segundo golpe,

na representação do real, reflete a humilhação, o abandono, isso faz com que “o patinho feio” tenha sentimentos contraditórios em relação a seguir adiante e aprender a viver como um cisne trilhando um novo caminho, um novo olhar, ou não permitir mudanças ficando no mesmo lugar dentro do seu ser e com isso buscar vingança em vez de libertação.

Ao aceitar a companhia de Chico Cego Justino estava dando mais um passo à frente na busca da libertação de suas angústias e dores passadas se permitindo o sentimento de gostar de alguém de estar próximo e não se sentir mais sozinho, em contra partida, o seu companheiro também estava sendo confortado com esse novo sentimento, na certeza de que não estaria mais sozinho, teria na figura de Justino o companheiro de caminhada que necessitava ter para partilhar as alegrias e tristezas porque passavam os retirantes nessa longa e sofrida jornada, pessoas resilientes que enxergavam a companhia um do outro como uma forma de vencer seus traumas e seguir em frente como é citado no trecho abaixo do livro escrito por Mott.

- Vida dura – diz o cego. - Vida mais dura ainda, de quem é só... - se o m'nino quisesse, sendo assim, nestes casos, nós dois sozinhos, podia ficar comigo e eu com ele. O que eu fizesse e ganhasse de comer, podia repartir com ele e o m'nino seria meus olhos, me indicaria o caminho. A gente repartiria as tristezas e até que a vida ficaria mais alegre (...) Justino olhou os olhos comidos do cego. Eram dois buracos, onde agora uma pele franzida fazia fundo. Olhou e teve pena. Coitado! Mais infeliz do que os outros, mais só. - Pois, sim, senhor. O velho tateou no escuro, na sua eterna escuridão e encontrou a cabeça do menino. - Deus te abençoe, meu filho. Continuaram o caminho, agora o velho menos trôpego, menos oscilante, com a mão de leve, tocando os ombros do menino. É quase uma carícia. (MOTT, 2012, p. 24).

Apesar disso “o Patinho feio” não verá de imediato que as marcas deixadas não são seguras e nem fáceis de compreensão e que essas marcas significam fendas profundas no desenvolvimento de sua personalidade, representando um ponto frágil que pode se desfazer de acordo com as circunstâncias que envolverem seu destino. É fácil perceber essas marcas em Justino que apesar de encontrar Chico cego e Dona Severina que começam a dar outro rumo a sua existência continua a ser calado e pensativo, como podemos perceber segundo Mott, 2012, na fala de Dona Severina.

- Ó, Justino – diz dona Severina, parada à frente do menino, mãos na cintura, olhando-o com atenção de alto para baixo, ali sentadinho, tristonho. Ó menino, não sabes falar outra coisa a não ser sim, senhora? Vamos, conversar um pouco, sei que tens tristeza, e bem grande, mas que fazer? A vida é assim, o rio também uma hora cheio

de água limpa a correr – e se tem pedras no fundo, como elas são barulhentas -, água de todos os lados, espuma. Depois, a seca vem. A água some, o leito fica barrento, feio, triste. Outra vez as chuvas, as águas voltam alegres... A vida é igual, bem igual. Uns dias de tristeza, outros de alegria. Ainda não vi seca eterna e nem tristeza que dure toda vida. (...) - Vamos, sorri. Estou sempre contente, não deixo a seca me pegar, não. Experimento, só! O menino procura sorrir, contudo, há tanto tempo não sorria que até se esquecera de como fazê-lo novamente. Retorce os músculos, franze a cara que, em vez de ficar com uma expressão alegre, enruga-se toda num ríctus de dor. - Tu estás esquecido de sorrir, logo aprenderás. (MOTT, 2012, p. 58).

Com isso “o patinho feio” é induzido a trabalhar sem cessar, esse processo de transformação, de metamorfose sem fim, tendo condições de viver uma vida de cisne, até feliz, porém, frágil que pode se abalar a qualquer momento por conta dos acontecimentos vivenciados em seu passado e que ficam registrados em seu pensamento e que pode vim à tona de acordo com os acontecimentos vivenciados no momento atual. Demonstrando que a resiliência, ou seja, o fato de se refazer, transformando-se de patinho feio para cisne não depende da ascensão social e nem da invulnerabilidade.

Para intensificar a ideia da resiliência o autor apresenta a vida do ruivinho, um garoto de quinze anos que demonstrava comportamentos diferenciados. Para começar só usava um casacão azul do pai para tentar esconder a falta de camisa, passava boa parte do dia cuidando da família que era composta pai que era alcoólatra e tinha como companhia um cachorro; a avó acometida de câncer na fase terminal, com isso, ele era forçado pelas circunstâncias a fazer todos os serviços domésticos além de cuidar dos medicamentos e das compras. Esse garoto fora levado à presença do psicanalista com diagnóstico de esquizofrenia, mas durante as entrevistas o que o profissional percebeu foi que dentro daquele garoto existia alguém possuidor de muita meiguice e força porque lutava sozinho para amenizar uma situação familiar tendo como válvula de escape a escola e os ensinamentos que absorvia durante às aulas e no seu estudo solitário, em casa, quando terminava de cumprir as obrigações que tomara para si, levado pela necessidade de cuidar de sua família. Certo dia, ao ser convidado por um colega de classe para um café, o ruivinho experimentou uma sensação de felicidade e chegou à conclusão que a amizade e as reflexões abstratas podem provocar uma sensação maravilhosa de bem estar que refletiu na sua personalidade, pode comparar o antes e depois daquele encontro mágico.

Assim como o ruivinho de Cyrulnik, Justino, o retirante de Mott, também viu as mudanças ocorrerem quando ele conheceu as duas pessoas que determinariam com suas atitudes o caminho para o seu futuro, Chico Cego que o amparara como filho no momento maior da dor, e dona Severina que o apoiara em sua casa fazendo com que o menino começasse a enxergar, a se sentir novamente em casa devido ao aconchego que encontrara na pensão como é retratado abaixo.

O sol dardejava violento, as galinhas cacarejavam ciscando e procurando o que beber, dona Severina chamava-as pelos nomes, dizia-lhes palavras de carinho, enquanto lhes dava de comer restos de verduras. Um papagaio pediu café, batendo ruidosamente as asas: - "Louro qué café, louro qué café". Ao menino, aquilo tudo lhe parecia um pouco de casa, lá distante, no sertão. Simplesmente, começou a cantarolar a modinha que, muitas vezes, ouvira a mãe cantar enquanto pilava a carne-seca ou a farinha. Não sente o calor a lhe queimar as costas, somente uma paz a invadi-lo, algo de novo e diferente. Dona Severina também trabalha. Logo chegarão os pensionistas a procurar comida, a lhe pedir um gole de café, a trocar comentários sobre o menino. São todos amigos, vivem como uma grande família e se interessam pelos seus pequenos problemas. O dia parece-lhe mais leve, o calor não sufoca tanto, o céu de um azul suave como o manto da virgem. E, no coração de dona Severina, tocam sinos, quando estende o olhar pelo quintal e avista o menino a juntar folhas. (MOTT, 2012, p.59 e 60).

Dando continuidade à história do ruivinho percebe-se que ele enxergava na oportunidade de tornar-se um intelectual a chance de vivenciar momentos agradáveis, bem como uma porta aberta para sair daquela vida difícil que o dominava. Antes do dia do exame que iria aprova-lo, ou não, no final do ensino secundário mostrara o quanto era resiliente ao comentar com o psicanalista que se aprovado fosse não poderia cursar por conta de suas obrigações cotidianas, porém, como uma ironia do destino, o inesperado acontecera, morrera sequencialmente: o cachorro, o pai e a avó deixando-o livre, oportunizando com isso a continuar os seus estudos e transformando- se em um brilhante estudante de línguas orientais. Caso a fatalidade não libertasse o ruivinho ele não teria conseguido a ascensão social, porque não conseguiria deixar sua família e optaria por ter uma profissão qualquer, e carregaria o seu fardo, permitindo-se alguns momentos de felicidade melancólica, como uma forma de resiliência.

O processo de resiliência permite a uma criança ferida transformar seu ferimento em reorganizador do eu, sob a condição de que à sua volta haja uma relação que lhe permita realizar uma metamorfose. Quando a criança é sozinha e quando é obrigada a se calar, ela revê sua brutalização como uma litania. Torna-se então prisioneira de sua memória, fascinada pela precisão luminosa da lembrança traumática.

Mas, quando se dá a ela a palavra, o lápis ou o palco em que possa se expressar, ela aprende a se descentrar de si mesma para governar a imagem que tenta produzir. Então trabalha, em sua modificação adaptando suas lembranças, tornando-as interessantes, alegres ou belas para fazê-las aceitáveis. (CYRULNIK, 2004, p.202).

Para Cyrulnik o processo de resiliência faz com que uma criança que passou por traumas, possa modificar seu ferimento quando ela reorganiza o seu eu, o seu interior. No entanto, para que aconteça essa reorganização é necessário que ao seu redor exista um clima de harmonia propício para que haja uma metamorfose, e como uma lagarta se transformam em uma linda borboleta, as pessoas que foram vítimas de abusos, negligências e outros traumas precisam passar por transformações que determinarão a sua vida futura, por isso é determinante o ambiente no qual, o indivíduo que foi maltratado, passará a conviver. Caso essa oportunidade seja negada o indivíduo tende a revê seu sofrimento como se fosse uma ladainha, uma repetição insistente que tende a permanecer na memória aquela experiência traumática que a perseguirá sem dar-lhe paz interior, por essa razão é indispensável a essa criança a apresentação de formas diversas de expressar os seus sentimentos através da palavra, do lápis, do palco para que possa descentrar do seu eu para governar a imagem que tenta construir, fazendo uma volta ao passado, na tentativa de modificar suas lembranças com a intenção de ressocialização por ter sido, através do sofrimento, excluído do convívio social.

Há muito tempo que o conceito de resiliência é novo, porém agora se pode analisá-lo. Trata-se de um processo, de um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito se esgueira para dentro de um contexto afetivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes. Um trauma empurrou o sujeito em uma direção que ele gostaria de não tomar. Mas, uma vez que caiu numa correnteza que o faz rolar e o carrega para uma cascata de ferimentos, o resiliente deve apelar aos recursos internos impregnados em sua memória, deve brigar para não se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos que os fazem navegar aos trambolhões, de golpe em golpe, até o momento em que uma mão estendida lhe ofereça um recurso externo, uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação. (CYRULNIK, 2004, p.207).

Esse foi o caso de Justino que começou a sua trajetória de retirante, sozinho após a morte dos pais, sofreu muito, mas encontrou pessoas tutoras de resiliência dispostas a estender-lhe as mãos como seu padrinho que gostaria que ele permanecesse na fazenda, apesar de depois chegar a conclusão que ele estava certo em partir em busca de uma nova vida, os retirantes que apesar de estarem em

uma situação terrível de fome e sofrimento o acolheram, seguido de Chico Cego que apesar de seus traumas e sofrimentos também foi muito importante na vida de Justino porque sendo cego, foi ele que ensinou muitas coisas da vida que o menino precisava aprender, dona Severina que conseguiu fazê-lo sorrir de novo e foi capaz até de deixar sua casa para trás afim de cuidar dos sobrinhos e colocar Justino para realizar o seu maior sonho que era estudar e ser alguém capaz de um dia defender o nordestino, desse destino muitas vezes cruel porque ele se percebe forçado a deixar sua casa onde nascera, sua história , suas lembranças para seguir uma vida de incertezas.

No livro “Falar de Amor à Beira do Abismo” Cyrulnik, ao falar de pessoas lesionadas, cita que antes essas pessoas eram tratadas e isoladas para viver a sua dor, eram tidas como inferiores e seus ferimentos físicos faziam com que seu direito de reter uma vida psíquica lhes fosse negados só restando para elas à solidão e o afastamento do meio social. Hoje elas são incentivadas a reaprender outras formas de viver e, o meio afetivo e social apresenta ao lesionado tutores de resiliência para que possam auxiliá-los no desenvolvimento de outras capacidades apesar de suas limitações causadas por acidentes, doenças e outros. Sendo para isso necessário uma grande intervenção técnica e cultural para que consigam recuperar a sua autoestima trilhando outros caminhos em busca da superação.

Para o autor, o trauma vivido destrói a personalidade anterior do indivíduo, e quando este não encontra alguém para juntar tudo que foi desfeito, a vítima fica morta socialmente ou retoma de forma errônea a vida que lhe foi roubada pela tragédia que o afligiu, seja por uma fatalidade ou descuido pessoal como foi o caso de Olga citado nesse livro que, por conta de uma curva mal feita, bateu o carro contra um muro e viu seus sonhos serem desfeitos aos 18 anos, com isso fora impedida de esquiar, dançar e fazer outras coisas de acordo com a sua idade e vontade de viver com plenitude toda aquela época mágica de sua vida. No entanto, chegou à conclusão que apesar de tudo não havia perdido o direito de estudar, sorrir, falar, refletir e chorar o que fez por muito tempo até se erguer e hoje ser uma maravilhosa geneticista que tem o seu trabalho que a deixa muito feliz e realizada profissionalmente; seu grupo de amigos e é praticante de esporte na cadeira de rodas. Criou vínculos afetivos e superou as adversidades que a vida lhe impôs tendo um novo olhar, uma nova forma de viver.

Não faz muitos anos, alguém que sofresse uma lesão medular era consertado mais ou menos bem e depois colocado num estabelecimento onde, tristemente, quase não vivia. Hoje, o olhar social está mudando: quer a lesão seja curável ou não, pede-se para a pessoa usar suas competências para reaprender outra maneira de viver. É o contexto afetivo e social que propõe ao lesionado alguns tutores de resiliência ao lado de quem poderá se desenvolver.

A dor de Olga era visível por conta do acidente e do trauma sofrido enquanto que a dor de Justino estava na alma e fazia parte dos seus sentimentos mais profundos. Olga teve que reaprender a viver de acordo com sua situação atual e isso não a impediu de ser feliz e acreditar que apesar da lesão sofrida várias possibilidades foram lhe apresentadas e com a ajuda de tutores de resiliência foi capaz de superar e se transformar em uma nova pessoa. Justino, por sua vez, nunca deixou de lutar e em sua trajetória contar com pessoas tutoras de resiliência como Chico Cego, dona Severina e o senhor Luíz sociólogo que através de seus ensinamentos contribuiu para que Justino conseguisse superar suas tristezas e tornar-se um aluno que além de buscar seu conhecimento pessoal também se preocupava com as questões sociais.

É certo que para quem sofreu um trauma é possível, através do afeto vivenciado, seguir adiante e reverter a situação desde quando possa contar com as pessoas mais próximas e do discurso cultural quando esse condiz diretamente com a ferida que precisa ser cicatrizada, nesse caso é possível que o sujeito consiga em contrar outra forma de desenvolvimento para que possa mudar e não se sentir morto ainda com vida. Por isso as marcas deixadas pela dor necessitam serem amenizadas para que o indivíduo consiga trilhar um novo caminho em busca de novas perspectivas futuras e possa divisar novos horizontes.

O sentido se constrói em nós com o que está antes de nós e depois de nós, com a história e a imaginação, a origem e a descendência. Mas, se nossa cultura ou as circunstâncias não dispõem, à nossa volta, alguns laços afetivos para nos comover e constituir lembranças, então a privação de afetos para nos comover e constituir lembranças, então a privação de afetos e a perda de sentido farão de nós homens-instantes. Saberemos gozar rápido, mas, diante de uma desgraça, estaremos privados dos principais fatores de resiliência. (Boris Cyrulnik, 2006, p. 23).

Para Cyrulnik a pessoa que sofreu muito durante a sua vida não tendo momentos concretos de afetividade não conseguem guardar momentos de sua existência sendo necessário que essas representações do tempo passado sejam

carregadas de momentos afetivos para que certos objetivos, palavras ditas e gestos de carinho possam fazer parte de uma situação vivenciada para que o momento tenha sentido porque enquanto isso não acontecer o sentido continuará em constante remanejamento. Para ele a origem do sentido surge juntamente com a vida seja ela animal ou humana, porém se constitui de diferentes formas de acordo com a espécie, o desenvolvimento e a trajetória individual de cada ser.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tanto, é importante ressaltar que com esse trabalho não pretendo provar o que estudiosos já constataram a custo de muito trabalho de pesquisa acerca da educação e Resiliência. Meu pensamento é simplesmente demonstrar que cada situação difere uma das outras e que somos responsáveis diretos ou indiretamente por nossas vitórias e/ou derrotas. E que não vivemos sozinhos, estamos sempre precisando do outro para realizar nossos sonhos porque os sonhos se formam sozinhos ou não, mas na concretude deles precisamos, muitas vezes, de quem está perto ou distante de nós e que através de um gesto, uma atitude pode fazer o diferencial em nossas vidas. E que na coletividade está o crescimento pessoal e coletivo, só é necessário buscá-lo através da educação somado a resiliência que nos torna mais humanos e capazes de enxergar de uma forma positiva as adversidades que a vida proporciona tendo argumentos e suportes para superá-las e conquistar a vitória almejada.

REFERÊNCIAS

ASSIS, S. G. **Encarando os desafios da vida: Uma conversa com adolescentes.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, ENSP, /CLAVES, CNPq. 2005.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios.** São Paulo. Martinsfontes. 2004.

_____. **Falar de amor à beira do abismo.** São Paulo. Martinsfontes. 2006.

ELIAS, Ieda Maria Sorgi Pinhaz, **Fortuna Literária de Odette de Barros Mott.** (http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnbe_2006.pdf). Acesso em 12 de março, 2014.

GUIMARÃES Neto, Euclides, ASSIS, Marcos Arcanjo de, GUIMARÃES, José Luís Braga, **Educar pela Sociologia: Contribuições para a formação do Cidadão,** Belo Horizonte: RHJ, 2012.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem - feita.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2003.

_____. **Educar para era planetária.** Porto Alegre. Instituto Piaget. 2004.

MOTT, Odette de Barros, **Justino, o retirante,** São Paulo: Saraiva, 2012.

_____. **Minha Vida de Criança,** Belo Horizonte: Lê, 1994.

NUNES, Clarice, **Diretrizes Curriculares Nacionais: Ensino Médio,** Parecer CNE/CEB 15/98, aprovado pela Câmara de Educação Básica em 1 de jun. de 1998, Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

PIGOZZI, Valentina, **Celebre a autonomia do adolescente: Entendendo o processo de iniciação na vida adulta,** São Paulo: Gente, 2002.

SOARES, Leôncio, GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro, GOMES, Nilma Lino. (orgs.), **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos,** 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, César, **Você é do tamanho de seus sonhos: Estratégias para concretizar projetos pessoais, empresariais e comunitários,** São Paulo: Gente, 2003.

TEIXEIRA, Anísio. **Carta a Monteiro Lobato,** [a bordo do Queen Elizabeth], 29 jan. 1947.